

**CÁTIA SOFIA DOS SANTOS COELHO**

**DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE EM ESTU-  
DANTES UNIVERSITÁRIOS. O PAPEL DOS ESTILOS  
DE PROCESSAMENTO E DO SENTIDO DE VIDA**

**Orientador: Jorge Ferreira**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Faculdade de Psicologia**

**Lisboa**

**2012**

**CÁTIA SOFIA DOS SANTOS COELHO**

**DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. O PAPEL DOS ESTILOS DE PROCESSAMENTO E DO SENTIDO DE VIDA**

Tese apresentada para obtenção do grau de Mestre no Curso de 2º ciclo em Psicologia da Educação conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Jorge Ferreira

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**

**Faculdade de Psicologia**

**Lisboa**

**2012**

## **Epigrafe**

*Dizes-me: tu és mais alguma coisa*

*Que uma pedra ou uma planta.*

*Dizes-me: sentes, pensas e sabes*

*Que pensas e sentes.*

*Então as pedras escrevem versos?º*

*Então as plantas têm ideias sobre o mundo?º*

*Sim: há diferença.*

*Mas não é a diferença que encontras;*

*Porque o ter consciência não me obriga a ter  
teorias sobre as coisas:*

*Só me obriga a ser consciente.*

*Se sou mais que uma pedra ou uma planta?º*

*Não sei.*

*Sou diferente. Não sei o que é mais ou  
menos.*

*Ter consciência é mais que ter cor?º*

*Pode ser e pode não ser.*

*Sei que é diferente apenas.*

*Ninguém pode provar que é mais que só  
diferente.*

*Alberto Caeiro*

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a todos o apoio incondicional que de uma maneira ou de outra tornaram possível a finalização deste trabalho, mas especialmente dedico te a ti que sonhaste um dia mas não estiveste cá para o presenciar.

## Agradecimentos

Ao meu professor e orientador, Jorge Ferreira, agradeço toda a partilha de conhecimentos e todo o tempo disponibilizado para tornar possível a conclusão deste trabalho. Obrigado pela serenidade, pelo estímulo e competência que me orientou ao longo do meu percurso enquanto aluna.

Agradeço à minha Avó, pelos valores que me transmitiu, pelo seu esforço, pelo exemplo que é, pela sua força e teimosia em alcançar objetivos. Obrigado pelo teu esforço e por nunca teres desistido de mim.

Agradeço-te Luís por teres acompanhado o meu percurso escolar com insistência e com rigor... Obrigado por contribuíres para a minha educação, por mostrares outros horizontes...Sim... Estou a agradecer por cada vez que me obrigaste a estudar a maldita da tabuada!

Agradeço-te Paulo por cada momento que te preocupaste e ao teu jeito tentaste melhorar cada situação que não te parecia correta.

Obrigado Gisela por cada momento de força e por cada momento de partilha, paciência e estímulo. Obrigado também a ti Jorge por cada momento de diversão que proporcionaste no decorrer da realização deste trabalho. Essencialmente obrigado aos dois, pelas excelentes pessoas que são, por cada momento de partilha, diversão e por me mostrarem que as coisas mais complicadas são as mais simples de se resolverem.

Queria também agradecer a todos os meus amigos que de uma maneira ou de outra contribuíram para a serenidade necessária para realizar este trabalho, mas especialmente à Ana sofia por cada discussão, por cada argumentação e por cada momento que partilhamos juntas no decorrer do nosso percurso académico. Gostava também de agradecer à Joana Borges por cada vez que compreendia e ouvia o “ não dá para ir jantar ou sair, tenho de fazer a tese” e no entanto dizia com um sorriso “já está quase”. Agora posso dizer eu: “ Vamos jantar?”.

Obrigada Catarina pelas longas conversas e desabafos quando assim era necessário. Obrigada pela compreensão e por acreditarem! *Let 's have a kiki!*

E por ultimo, mas um dos mais importantes... Gostava de te agradecer a ti Nuno, por teres aturado cada ataque de “mau feitio”, cada capricho e por ao longo destes cinco anos teres sido um exemplo de que me orgulho. Obrigado pela confiança que me transmitiste, por cada crítica e por apesar de eu gritar e pensar que não seria possível, acreditares que este momento ia chegar. Obrigado por cada vez que me obrigaste a pegar no pc mesmo quando a vontade era nenhuma....Obrigado por me conheceres e compreenderes tão bem!

## **Resumo**

Sabe-se que a definição de identidade tem como base os diferentes estilos de processamento identitários assim como a definição de um projeto, finalidade ou sentido de vida. O objetivo principal deste estudo foi o de compreender como os estilos de processamento de identidade, por um lado, e a definição de um sentido de vida e de objetivos, podem concorrer para o desenvolvimento de uma identidade positiva. Para estudar esta questão foram aplicados cinco questionários: o questionário de dados socio-demográficos, a *Escala de Sentido de Vida*, a *Escala de Objetivos de Vida*, a versão traduzida do *Psychosocial Inventory of Ego Strengths* e a versão traduzida do *Identity Style Inventory (ISI13)*. A amostra foi composta por 149 estudantes, sendo 24 do género masculino e 125 do género feminino, de um 1º ciclo de estudos com idades compreendidas entre os 18 e 30 anos. Os resultados demonstraram que os estilos de processamento de identidade e o sentido de vida encontram-se relacionados com a identidade reunindo em si a capacidade produtora da mesma, atuando como fatores independentes.

Palavras-chave: Estilos processamento de Identidade; Sentido de Vida; Objetivos de vida;

## **Abstract**

It is known that the definition of identity is based on the different styles of processing identity and the definition of a project, purpose or meaning of life. The main objective of this study was to understand how the identity processing styles, and the definition of a sense of life and goals can contribute to the development of a positive identity. To study this question, were applied five questionnaires: a socio-demographic data questionnaire, the Sense of Life Scale, the Purposes of Life Scale, the translated versions of the Psychosocial Inventory of Ego Strengths and the Identity Style Inventory (ISI13). The sample consisted in 149 students, of which 24 were males and 125 were females, who completed the 1st cycle of studies, aged between 18 and 30 years. The results showed that the processing styles of identity and the life sense are related to identity, combining in it the ability of predicting it, acting as independent factors.

Keywords: Identity Processing Styles; Sense of Life; Purpose in life;



## Índice

<b>Capítulo 1- Identidade .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 2- Estilos de processamento da Identidade.....</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo 3 - Sentido de vida.....</b>	<b>38</b>
<b>Capítulo 4 - Problema de investigação .....</b>	<b>47</b>
<b>Capítulo 5 - Método.....</b>	<b>53</b>
2.1. Amostra.....	54
2.2. Medidas .....	54
2.2.3. Questionário de dados sociodemográficos .....	54
2.2.4. ESV- Escala de sentido de vida .....	55
2.2.5. EOV - Escala objetivos de vida .....	55
2.2.6. PIES - Inventario Psicossocial das Forças do Ego.....	55
2.2.7. ISII - Inventario de Estilos de Identidade.....	56
2.3. Procedimento .....	56
<b>Capítulo 6 – Resultados.....</b>	<b>57</b>
<b>Estudo 1. Os estilos de identidade e o sentido de vida são preditores das forças do ego? .....</b>	<b>58</b>
<i>Hipótese 1 - Existe associação entre os estilos de identidade e as forças do ego .....</i>	<i>61</i>
<i>Hipótese 2 - Existe associação entre o sentido de vida e as forças do ego .....</i>	<i>62</i>
<i>Hipótese 3 - Os estilos de processamento de identidade e o sentido de vida são preditores das forças do ego .....</i>	<i>62</i>
<b>Estudo 2 – Os objetivos de vida são preditores do sentido de vida e das forças do ego? .....</b>	<b>63</b>
<i>Hipótese 4 – Os objetivos de vida são preditores do sentido de vida.....</i>	<i>64</i>
<i>Hipótese 5 – os objetivos de vida são preditores das forças do ego .....</i>	<i>65</i>
<b>Capítulo 7 - Discussão de resultados.....</b>	<b>67</b>
<b>Capítulo 8- Conclusão .....</b>	<b>73</b>
8.2.Limitações .....	80
8.3.Sugestões .....	80
<b>Anexos.....</b>	<b>I</b>

# Introdução

As diferentes transformações de que a sociedade hoje é palco (tanto sociais como económicas) influenciam todo um processo contínuo e coeso de construção identitária, pois assiste-se a um adiamento no que diz respeito à exploração de papéis sociais da vida adulta bem como na organização de um sistema de pessoas de crenças e valores (Ferreira, 2011). Neste sentido, devido à possível alteração da teoria psicossocial do desenvolvimento, os estilos de processamento de identidade poderão funcionar como preditores do ajustamento psicossocial do sujeito, definindo-se o estilo normativo como o que reflete um melhor ajustamento psicossocial e colocando-se o estilo difuso como o que espelha um pior ajustamento psicossocial (Berzonsky & Kuk, 2000). Pode-se afirmar também que a definição da identidade depende bastante da existência de um sistema de crenças e valores pessoais e de um projeto, finalidade ou sentido de vida, o qual torna-se imperativo acreditar que os objetivos de vida bem como a definição de um sentido de vida detêm uma estreita relação com o processo de construção identitário (Erikson, 1968; Damon, Menon & Bronk, 2003; Reker, Peacock & Wong, 1987; Beaumont, 2009).

Este estudo pretendeu investigar de uma forma objetiva de que forma os estilos de processamento de identidade e a definição de um sentido de vida podem concorrer para o desenvolvimento de uma identidade positiva. Para tal foram utilizados cinco questionários: o questionário de dados socio-demográficos, a Escala de Sentido de Vida (ESV, Ferreira, 2011), a Escala de Objetivos de Vida (EOV, Ferreira, 2011, a versão traduzida por Ferreira (2011) do *Psychosocial Inventory of Ego Strengths* (PIES, Markstrom, Sabino, Bonnie & Berman, 1997) e a versão traduzida por Ferreira (2009) do *Identity Style Inventory* (ISI3, Berzonsky, 1989). Neste sentido, organizou-se a presente dissertação em dois estudos: o primeiro em que se testou a capacidade preditora dos estilos de processamento de identidade e do sentido de vida sobre as forças do ego; e, o segundo em que pretendeu verificar quais os objetivos preditores de um sentido de vida e das forças do ego.

A presente dissertação encontra-se dividida em vários capítulos, começando por uma revisão bibliográfica acerca da identidade no capítulo 1, dos estilos de processamento de identidade no Capítulo 2, sentido de vida e objetivo de vida no capítulo 3 e por último no Capítulo 4 encontra-se conceptualizado o problema de investigação. No capítulo 5 encontra-se o método, sendo que são referidas as características da amostra utilizada, as medidas e o procedimento. De seguida, no capítulo 6 encontra-se a apresentação dos resultados, sendo este capítulo denominado por resultados. No sétimo capítulo, encontra-se a discussão dos

resultados encontrados, sendo que por ultimo, no oitavo capítulo junta-se a conclusão, onde será efetuado a interpretação de resultados para se compreender se foram confirmadas as hipóteses lançadas na presente investigação, seguida das implicações, limitações, sugestões para futuras investigações assim como será efetuada uma sùmula dos principais pontos deste trabalho.

Este estudo será transversal de caracter exploratório e a norma adotada para citações e referências bibliográfica será a Norma APA, com as recomendações da ULHT.

# Capítulo 1- Identidade

O conceito de identidade tem suscitado bastantes dúvidas relativamente à sua definição, bem como à sua terminologia pelo que não é fácil operar a distinção entre as noções de identidade, *self*, carácter, personalidade. Apesar de todas estas noções serem utilizadas com a finalidade de definir a singularidade que distingue cada indivíduo dos demais, esta diversidade terminológica está bastante relacionada com as conceções e os métodos utilizados na investigação psicológica que estuda o conhecimento e/ou representação de si (Costa, 1991). Deste modo, a definição da noção de identidade revela ser uma tarefa bastante complexa, cujo estudo recorre a diversas áreas do conhecimento: a psicologia, a sociologia, a antropologia e a filosofia (Terêncio & Soares, 2003).

No entanto, deve ter-se em atenção que, em toda a sua vertente multidimensional, o estudo da identidade compreende essencialmente duas dimensões fundamentais, uma individual, muito investigada pela psicologia, e outra social, mais analisada pela sociologia e antropologia (Oliveira, 1976). Contudo, não se deve considerar estas duas dimensões numa perspectiva dissociativa pois não tem sentido considerá-las como exclusivas uma vez que ambas se desenvolvem em mútua dependência e ambas refletem as relações entre indivíduo e sociedade. De facto, como afirma Ciampa (1989), as possíveis e diferentes transformações que ocorrem na identidade individual estão sempre relacionadas com as transformações sociais pois o homem é um ser social que se define na relação com o contexto histórico e sociocultural onde se desenvolveu.

Definir a noção de identidade exige, portanto, a sua análise etimológica pois esta faz emergir o seu significado único embora versátil. O termo identidade é de origem latina e foi formulado a partir do adjetivo *idem* que evoluiu para o termo *indetita*, podendo-se entender como algo que se mantém único e idêntico a si mesmo, apesar das pressões internas e externas. Aplicado ao indivíduo, esta noção designa a identidade do ego e é relativa às características latentes no indivíduo, isto é, à representação que tem de si próprio em diferentes momentos da sua vida e no interior de formas variadíssimas de tradição comunitária (língua, ideologia, património e cultura). A construção da identidade, por um lado, é influenciada pelas características e evoluções da sociedade e, por outro lado, espelha as escolhas que o indivíduo foi e vai realizando na sua trajetória psicossocial. Deste modo, a identidade do ego não constitui assim um sistema fechado e hermético. (Sodré, citado por Nascimento, 2003).

Numa perspectiva psicossociológica, pela relação interdependente entre identidade e relações sociais torna-se difícil diferenciá-las nos processos que apoiam a sua construção,

desenvolvimento e manutenção (Teixeira & Soares, 2003). A identidade do ego será, então, o que torna o indivíduo único e o que mais o distingue dos outros, porém, é igualmente entendida como um produto dos processos de socialização do indivíduo, ou seja, que o aproxima e identifica com os demais indivíduos.

Erik Erikson (1968) surge como o primeiro autor que investigou o desenvolvimento da identidade do ego, processo que começa a ganhar definição a partir da adolescência até à fase adulta. Influenciado pelas ideias de Freud, mas afastando-se do mesmo em alguns pontos, Erikson (1968) perspetivou o desenvolvimento da identidade como um processo adaptativo que resulta das interações entre o ambiente e o indivíduo, percecionando o como parte integrante da sociedade e deixando de se centrar neste como o núcleo do desenvolvimento da mesma, pois o desenvolvimento da identidade deriva de fatores como a matriz cultural assim como de valores. O autor associou outros conceitos ao de identidade, nomeadamente, a similitude, relativa às semelhanças existentes entre o indivíduo e os outros que compõem o seu grupo de pertença e, a continuidade, relativa ao sentido de coesão entre passado, presente e futuro. O ego é o principal agente que garante, por um lado, as semelhanças entre indivíduo e os outros do grupo de pertença, e por outro lado, entre comportamentos passados e presentes (Costa, 1991). À noção de identidade deverá estar associado as noções de continuidade e uniformidade que, no contexto da relação entre herança biológica e fatores ambientais, remetem para a construção de um sentido de si próprio capaz de integrar a sua trajetória existencial e uma certa coesão dos diversos elementos que o compõem (Ferreira, 2011). A identidade será, portanto, a representação que o indivíduo tem de si próprio, onde se incluem os valores, crenças e objetivos em que investe (Ferreira, Farias & Silvares, 2003; Erikson, 1968).

Uma das questões que tem sido discutida é, portanto, a consideração da identidade como um componente unidimensional ou multidimensional (Katzko, 2003). De facto, a própria palavra identidade reúne em si a definição de singularidade e confere um sentido de conservação e continuidade no tempo e no espaço, tornando crítica a conceção que propõe a identidade como entidade (s) múltipla (s). Não faz sentido separarmos a representação de si dos papéis que o indivíduo desempenha, das atitudes que adota, nem dos motivos, experiências, identificações, valores, objetivos e crenças que lhes estão subjacentes. Ao utilizar o termo múltiplas identidades pode-se erroneamente categorizar a identidade como algo diferente e independente, quando na realidade estamos apenas a referir as suas múltiplas

componentes. O sentido de identidade não assenta apenas nos seus aspetos específicos, componentes ou dimensões pelo que pode ser entendido como uma estrutura concetual que tem o propósito de unificar e organizar os seus diferentes componentes de uma forma inteligível e significativa. É esta estrutura organizacional que proporciona o sentido de unidade e continuidade ao indivíduo (Berzonsky, 2005).

Schachter (2002) apontou quatro pressupostos inerentes à existência de uma identidade: deve possibilitar um sentido de consciência, uniformidade e continuidade, deve incluir as identificações de cariz significativo, deve possibilitar o reconhecimento entre o indivíduo e a sociedade que integra e deve, ainda, induzir sentimentos de autenticidade e vitalidade. A identidade é, portanto, um processo que exerce influência na forma como os indivíduos regulam e se adaptam à vida quotidiana, ou seja, está relacionada com os recursos que os indivíduos utilizam para responderem às exigências diárias de uma sociedade em constante transformação (Berzonsky, 1989; 2004).

Ao analisar a literatura podemos depreender que existem quatro concepções fundamentais que influenciaram todas as futuras investigações. Uma das concepções é a que já foi abordada anteriormente e que se apoia no princípio epigenético: toda a construção da identidade desenvolve-se em função de um plano base, sendo que as suas partes constituintes vão-se construindo e integrando continuamente no tempo e no espaço, constituindo um todo que funciona de uma forma integrada. Neste âmbito, o desenvolvimento da identidade será um processo cumulativo em que o indivíduo organiza as suas experiências através de processos de síntese que consideram as potencialidades maturativas e os papéis sociais que são disponibilizados pela sociedade que o rodeia. (Costa, 1991). Em cada um dos períodos do desenvolvimento, o indivíduo tem a tarefa de realizar aquisições que permitam uma síntese favorável desses elementos biológicos e sociais, transformando-os em um sentido de identidade do ego. A vivência desta tarefa, desde o início até ao fim de cada período, corresponde ao que Erikson (1968) designa de crise normativa, uma noção utilizada para representar cada um dos momentos fundamentais do desenvolvimento e, portanto, não tem uma conotação de sentido negativo. A crise normativa inclui uma dualidade dimensional de natureza conflitual na medida em que admite simultaneamente a vulnerabilidade do indivíduo e o seu potencial. Deste modo, a síntese realizada em cada crise normativa ou psicossocial integra, por um lado, a dimensão de construção ontogénica realizada até esse momento e, por



outro lado, o desajustamento que reflete as dificuldades que o sujeito foi tendo ao longo do percurso (Costa, 1991).

O início e o fim de cada crise psicossocial constituem os momentos mais críticos do desenvolvimento pois assinalam, num primeiro momento, o contato com um “novo” ambiente, que exige de si padrões de conduta social mais desenvolvidos e apropriados para a sua faixa etária e, num segundo momento, a auto e hetero avaliação do nível de resolução da tarefa. Quando as estratégias utilizadas não são as mais adequadas o desajuste tende a agravar-se e a reforçar as vulnerabilidades do ego (Erikson, 1968; Costa, 1991).

Cada uma destas crises pode ser designada como um estágio pois representa um período crítico de tempo no qual o indivíduo tem de resolver determinadas tarefas de desenvolvimento e adquirir determinadas forças ou virtudes do ego (Markstrom, 1997).

Segundo a teoria psicossocial do desenvolvimento a estruturação da identidade é tida como um processo de desenvolvimental que resulta de uma constante interação do ego com a sociedade, sendo que apenas a partir da adolescência o sujeito modifica, reorganiza e sintetiza as experiências vividas na sua infância de forma a construir uma representação de si unificada. Este processo de definição da identidade, para Erikson (1968), não deverá ser visto como uma simples adição de diversos elementos mas, ao invés, como uma diferenciação e integração progressiva desses mesmos elementos. Deste modo, o indivíduo consegue-se reconhecer no passado apesar de perceber a sua diferença, sendo o desenvolvimento tido como um processo contínuo e não como um processo fragmentado (Kroger & Marcia, 2011.)

A noção de identidade de Erikson (1980) pode assim ser sistematizada através de quatro aspetos: 1) a identidade surge como a consciência que o indivíduo tem da sua individualidade enquanto parte do mundo que integra; 2) a identidade do ego representa a síntese psicossocial realizada pelo indivíduo, à qual está subjacente um sentido de continuidade que evidencia a consistência da trajetória desenvolvimental e a resistência às modificações; 3) a identidade representa as dimensões de si próprio que permitem a distintividade aos demais (compromissos, escolhas, objetivos); 4) a identidade inclui uma dimensão social que representa a identificação e ligação do indivíduo com as ideologias dos grupos sociais em que se insere (Schwartz, 2001).

Neste sentido o primeiro desafio da criança envolve a aquisição de um sentimento de segurança que requisita a satisfação das suas necessidades básicas bem como o acolhimento

num ambiente disponível e protetor. O vínculo experimentado pelo bebé na relação com as figuras cuidadoras constitui o elemento preponderante desta crise e determina o sentimento de confiança ou desconfiança básica que caracteriza o primeiro estágio do desenvolvimento psicossocial. A resolução positiva desta crise favorece um sentimento fundamental de confiança face a si próprio (auto-estima) e ao ambiente e proporciona a construção de um modelo relacional positivo com os outros (Costa, 1991).

Num segundo estágio a criança tende a experienciar a autonomia proporcionada pela obtenção do controlo muscular e coordenação motora, próprios desta fase do desenvolvimento. No entanto, a criança poderá experienciar um sentimento de vergonha ou dúvida pela consciência que tem da sua falta de coordenação ou pela reação dos personagens do seu ambiente. O sentimento de auto-dominio será reforçado pelo vínculo relacional estabelecido com as figuras cuidadoras, o que possibilitará o desenvolvimento do sentido de moralidade e de responsabilidade (Elkind, 1970). O dilema presente deste estágio é a Autonomia versus Vergonha: o equilíbrio entre o sentimento de autonomia e dúvida, vergonha contribuirá para o desenvolvimento de um individuo independente e responsável (Erikson, 1980; Costa, 1991).

No terceiro estágio a criança experienciará a tomada de iniciativa para se mover bem como explorar o ambiente, tendo por oposição o sentimento de culpa que será produto da punição. O dilema enfrentado será a Iniciativa versus Culpa, sendo que a vertente Iniciativa engloba a capacidade de autonomia que a criança tem consciência que adquiriu, isto é, ela percebe que é um ser autónomo e independente assim como tem a capacidade de canalizar a sua energia para atingir objetivos. O sucesso deste estágio é fundamental para o desenvolvimento da identidade pois o sujeito, numa vertente mais positiva, poderá imaginar o ideal de si. O equilíbrio será pautado pelos limites impostos através das regras sociais da cultura que integra (Erikson, 1968, 1980; Costa, 1991).

O quarto estágio envolve o sentido de realização do sujeito em ser bem-sucedido na escola que tem no polo negativo a inferioridade, que experienciará quando a sua performance não corresponder às suas expectativas. Neste estágio o dilema enfrentado será a Competência versus Inferioridade: a criança apercebe-se que já realiza tarefas de cariz utilitário e lógico e não apenas lúdico, o que lhe transmite simbolicamente a noção do mundo adulto. Este estágio pode ser entendido como a base para propiciar o desenvolvimento de uma identidade profissional, pois um sentimento de incapacidade pode bloquear a criação de objetivos de vida

que poderão ser tidos como difíceis. Numa outra vertente a falta de consciência do indivíduo das suas limitações ou do ambiente que o envolve pode conduzir a uma enorme discrepância entre o possível e o imaginário, o que condiciona a sua realização (Costa, 1991).

Os quatro primeiros estádios formam a base da identidade, a resolução do conflito próprio de cada estágio proporcionará a capacidade de diferenciação do eu; um Eu autónomo, confiante, capaz de delinear objetivos e de os atingir. A identidade surge como o quinto estágio numa sequência de oito etapas cronológicas. A resolução de cada crise influenciará o estágio posterior. As crises não resolvidas em estádios anteriores poderão ser resolvidas nos estádios posteriores. No entanto as idades que delimitam os estádios são universais a todos os sujeitos, obedecendo a uma sequência lógica universal. Neste âmbito, não será possível que alcancem um estágio posterior sem passar pelo imediatamente anterior (Costa, 1991).

O quinto estágio corresponde ao dilema Identidade versus Confusão de Identidade, sendo que na resolução do conflito presente neste estágio o indivíduo adquire o sentido de identidade, quer isto dizer que o indivíduo adquire o sentido de si bem como a sua definição em relação a valores, ideais e objetivos pessoais. Num polo negativo da crise o indivíduo tenderá a sentir-se confuso acerca de quem é, dos seus objetivos, bem como estabelece um compromisso com os valores que o definem (Costa, 1991). No entanto, atualmente a sociedade pressiona os jovens para a tomada de decisão do que os define como indivíduos. O adolescente adquire um sentido subjetivo de si, estando presentes os sentidos de unidade e de continuidade que possibilitam que se reconheça no presente, no futuro e no passado. O adolescente reúne em si a capacidade de visualizar diferentes alternativas sobre as várias problemáticas do mundo, a sua família, os diversos ideais. A vertente negativa neste estágio é a confusão de papéis: o indivíduo não sabe quem é, onde pertence ou a quem pertence. Contrariando a vertente positiva do que será o sentido de identidade do ego. Para conseguir atingir a vertente positiva do dilema, o adolescente tem de sintetizar as informações dos papéis que desempenha, integrá-los num todo que lhe trará o sentido de continuidade e que o encaminhará para o futuro (Elkind, 1970).

No sexto estágio o jovem adulto tem de resolver o dilema intimidade versus isolamento, quer isto dizer a capacidade que o jovem possui para estabelecer relações de intimidade ou se prefere o isolamento. Uma das tarefas principais será a consolidação do sentido de identidade. Com este estágio o jovem conseguirá atingir a virtude do amor que possibilitará que este desenvolva relações de cariz íntimo. No entanto, a noção de intimidade

estará interligada não só com relações de cariz sexual mas também de amizade (preocupação com o outro sem ter receio de o perder, partilha de identidade, comunicação, respeito, entre outros). O sentimento de isolamento será a incapacidade de partilhar uma relação com o outro. Nesta fase, torna-se evidente a necessidade de construção ao longo do tempo de uma identidade estável, segura e autónoma para conseguir estabelecer uma relação com o outro sem se sentir anulado ou ameaçado. Esta fase enquadra-se na chamada adultícia até à apelidada meia-idade (Costa1991; Elkind, 1970).

Os adultos enfrentarão no sétimo estágio o dilema da generatividade versus estagnação, sendo aqui a generatividade a necessidade do individuo investir na sociedade de forma a propiciar o crescimento das gerações futuras. A vertente negativa será a Estagnação, quer isto dizer que o individuo age única e exclusivamente em função de si próprio (Costa, 1991; Elkind, 1970).

A última idade corresponde à integridade versus desespero que engloba o sujeito idoso, em que a principal tarefa será a reflexão sobre a sua vida e a sua satisfação para com esta. A vertente negativa englobará a avaliação negativa do sujeito em relação à sua vida, isto é, às oportunidades perdidas. Encontrando-se numa idade mais avançada o sujeito percebe que tem pouco tempo para começar de novo, o que poderá levar a um sentimento de desespero (Elkind, 1970).

Tendo sido Erikson um dos primeiros psicólogos a explorar o processo de formação da identidade, este discordou em vários pontos de Freud, tendo no entanto utilizado e explorado os conceitos de energia libidinal e do *Id* utilizados com bastante frequência na psicanálise clássica. No entanto, este investigador valorizou bastante as capacidades de adaptação do ego ao meio (Costa, 1991).

Neste sentido não se pode deixar de evidenciar a importância das forças do ego na teoria de Erikson, pois estas são uma clara expressão das vertentes positivas dos estados psicossociais bem como poderão evidenciar a maturidade do sujeito e a ausência de sintomas de cariz psicopatológico. Estudos demonstram que as forças do ego refletem-se na construção da identidade, na auto-estima, no controlo do locus interno, nas estratégias de *coping* e em características como a empatia (Markstrom & Marshal, 2007). Os termos utilizados (virtudes/forças) foram inicialmente introduzidos e utilizados por Erikson (1964,1985), sendo oito ao longo do ciclo vital do sujeito e podem ser tidas como um indício que o individuo

resolveu com sucesso os conflitos referentes a cada estágio de desenvolvimento psicossocial (Markstrom, Sabino, Turner & Berman, 1997; Erikson, 1964,1985).

Por esta ordem de ideias pode subentender-se que as forças do ego precedentes encontram-se interligadas com o desenvolvimento das forças futuras, sendo que esta associação ajudará a resolução positiva dos conflitos referente a cada estágio de desenvolvimento psicossocial. No entanto, o desenvolvimento das forças do ego não depende apenas de fatores intrínsecos e da resolução das crises pela vertente positiva, depende também de fatores extrínsecos, ambientais, e de uma associação destes para com o indivíduo (Erikson, 1965; Markstrom et al, 1997). Deste modo, a emergência das forças do ego de cada indivíduo resulta não só da causalidade genética do indivíduo, mas também das interações sociais e suas condições. O desenvolvimento das forças do ego deve ser percebido como um processo sociogenético sendo as virtudes deste adquiridas nas relações tidas com outros indivíduos, assim como através das condições sociais proporcionadas pelo ambiente que o indivíduo integra (Erikson,1965).

Como já foi descrito, da mesma forma que se evidencia a existência e a importância das forças do ego no desenvolvimento da identidade do indivíduo, também será necessário explicar a existência de antipatias, anteriormente descritas. As antipatias poderão ser definidas como tendências contraproduativas para a resolução do conflito correspondente a cada estágio psicossocial bem como o desenvolvimento da força do ego correspondente. A resolução de uma crise pela vertente negativa é identificada pela presença da sua antipatia mais que a presença da força correspondente. No entanto, a antipatia do ego revela ser necessária e útil ao indivíduo pois permite-lhe a valorização e a experimentação da força do ego. Por exemplo, um sujeito não consegue experienciar o amor e a intimidade sem a existência de alguma rejeição (Erikson, 1985; Markstrom et al., 1997).

Seguindo, portanto, o princípio epigenético de Erikson podemos assumir que as forças do ego estão presentes ao longo dos estágios de desenvolvimento psicossocial, influenciando o presente estágio bem como o seguinte (Markstrom & Marshal, 2007).

A força do ego intitulada esperança surge do estágio confiança versus desconfiança, a vontade surge do estágio autonomia versus vergonha, a força do ego finalidade surge do estágio iniciativa versus culpa, a força competência surge do estágio mestria versus inferioridade, a força do ego fidelidade surge do estágio identidade versus confusão de

identidade na adolescência, a força do ego amor surge do estágio intimidade versus isolamento, a força do ego cuidado surge do estágio generatividade versus estagnação e a força do ego sabedoria surge do estágio integridade versus desespero. No entanto, da mesma forma que os estágios psicossociais terão uma ordem sequencial, invariável e hierárquica, as forças do ego também seguirão a mesma ordem. (Markstrom et al, 1997).

Apesar disso, também existem antipatias em cada força do ego, sendo estas percebidas como tendências negativas contraproducentes para uma resolução positiva do conflito de cada estágio. Torna-se necessário evidenciar que apesar de uma resolução de um conflito pela vertente negativa estar associada a uma menor presença da força do ego e uma presença mais evidente da sua antipatia, por vezes torna-se necessário experienciar a sua antipatia para contribuir para o desenvolvimento da força/virtude do ego (Markstrom et al, 1997). Neste sentido, será útil explorar a que estágio cada força do ego e respetiva antipatia estão relacionadas.

A força do ego esperança (*hope*) está associada à primeira crise psicossocial intitulada Confiança versus Desconfiança e que emerge do vínculo fundamental e primário estabelecido com os cuidadores. Esta força traduz-se na confiança, no otimismo e na esperança que as suas pretensões irão ser realizadas, mesmo quando as condições da sua vida se modificam. A antipatia deste estágio está relacionada com a falta de antecipação positiva a nível cognitivo e emocional, traduzindo-se por pessimismo e falta de confiança em si e no ambiente, sendo esta força a mais indispensável e transversal a todos os estágios (Markstrom et al, 1997).

A força do ego, vontade (*will*), presente no segundo estágio do desenvolvimento psicossocial será fundamental na construção da integridade do ego bem como para a vida do sujeito. Traduz-se na determinação do sujeito em explorar livremente o ambiente bem como em experimentação do seu autocontrolo. A antipatia será a compulsão e a impulsividade o que poderá ameaçar a autonomia da criança.

A força do ego finalidade (*Purpose*) traduz-se na capacidade de delinear objetivos e conseguir cumpri-los, o que evidencia um sentimento onde predomina a coragem em vez de medo ou culpa. Neste estágio o ego aprende a utilizar a vontade de uma forma mais racional e utilitária. A antipatia será a inibição, sendo que apesar de necessária pode ser considerada

problemática e neurótica quando não sinalizada (Erikson, 1964, 1968, 1985; Markstrom et al., 1997; Markstrom & Marshall, 2007).

A força do ego competência (*competence*) traduz-se na tomada de consciência por parte das crianças sobre as suas capacidades e conhecimentos, o que as prepara para os papéis que poderão desempenhar em adultos. A antipatia seria a inércia, sendo que sem a virtude de competência os indivíduos não conseguiriam integrar o mundo e desempenhar papéis e responsabilidades próprias do mundo adulto,

A força/virtude fidelidade (*fidelity*) está associada à resolução positiva da crise na adolescência, sendo que os indivíduos demonstram um forte sentido em ser verdadeiros consigo próprios, procurando ideais ou causas para se dedicarem ao invés de rejeitarem papéis ou recuarem perante um desafio. A antipatia da força/virtude do ego fidelidade será a negação (*repudiation*) que se pode observar pela falta de autoconfiança e consequente insegurança e pelo evitamento na experimentação de novos papéis sociais (Erikson, 1964, 1965, 1968, 1985; Markstrom et al., 1997; Markstrom & Marshall, 2007).

A força do ego denominada de amor (*love*) refere-se à intimidade presente nas relações dos jovens adultos, isto é, o seu comprometimento para com os outros bem como a capacidade de manter esse mesmo relacionamento. Será também a capacidade de serem fiéis e comprometerem-se com os seus ideais. A antipatia será a exclusividade que será notória na falta de compromisso dos jovens.

A força/virtude do ego cuidado (*care*) surge da generatividade que remete para a preocupação com as necessidades dos outros. Esta será expressa pela apetência e pelo ensino dos seus conhecimentos e valores. A antipatia será a rejeição, quer isto dizer a falta de cuidado com os outros ou a falta de vontade de cuidar dos outros.

A força/virtude do ego sabedoria (*wisdom*) remete para a capacidade de aceitar o passado em vez de sentir algum arrependimento ou remorso do que poderia ter sido feito. O que os reconforta e atribui alguma fé num futuro desconhecido em vez de o evitarem. Neste sentido a antipatia será (*disdain*) que se refletirá num sentimento de falta de utilidade no ambiente que integra (Erikson, 1964, 1965, 1985; Markstrom et al., 1997; Markstrom & Marshall, 2007).

As forças/virtudes do ego podem ser entendidas como indicadores da maturidade e ajustamento psicossocial do sujeito. A possibilidade de avaliar objetivamente as forças/virtudes do ego pode indicar em que estágio de desenvolvimento o sujeito se encontra assim como que força/virtude está a ser operacionalizada, bem como até que ponto as outras forças/virtudes do ego precedentes estariam presentes (Markstrom et al, 1997).

As investigações de Erikson influenciaram muitos outros investigadores no estudo da identidade bem como nos estudos específicos relativamente ao período apelidado de jovem adulto. Marcia (1966) tentou operacionalizar o conceito de identidade defendido por Erikson, mais concretamente o estágio identidade versus difusão de identidade. Neste sentido propôs que os jovens poderão resolver o conflito deste estágio de quatro formas diferentes. A forma como resolverão esse compromisso terá como base a sua vontade de explorar o ambiente e a força do compromisso do seu Eu quando tem de efetuar escolhas em várias esferas da sua vida pessoal (namoros, amizades, estilos de vida, ideologias).

Segundo Marcia (1966), a estruturação da identidade é um processo que o individuo vai construindo através da exploração de papéis, proporcionando o investimento em diversas áreas. O individuo experienciará diversas crises nas quais se questionará de forma a tomar uma decisão, tendo como objetivo a concretização do seu compromisso ou meta. Neste sentido, espera-se que o sujeito procure áreas que se relacionem com a temática bem como o investimento nas mesmas, para assim explorar e procurar resolver a crise em que se encontra, explorando novas estratégias para poder enfrentar novas crises.

Segundo Costa (1991) Marcia (1966) definiu a identidade tendo em conta três aspetos fundamentais:

- Fenomenológica - a identidade é percebida como um sentido de si em constante continuidade com o passado, sendo um processo em que o todo será mais importante do que o sentido aditivo das partes.
- Comportamental - este aspeto é relativo à exploração pelo individuo de diversas alternativas, à sua tomada de decisão, ao investimento em valores, crenças bem como o compromisso com diversos valores, crenças e objetivos.
- Estrutural - a identidade é estruturada a partir de um processo de sintetização de identificações anteriores (Costa,1991).



Marcia (1966, 1980) operacionalizou quatro formas de organização da identidade as quais designou de estatutos de identidade. O estatuto de realização da identidade (*identity achievement*), onde se incluem os indivíduos que experienciaram diversas alternativas em função de compromissos com os objetivos e ideais por si definidos, ou seja, eles já consideraram várias alternativas e tomaram uma decisão baseada nas suas convicções. Estes indivíduos apresentam o melhor nível de resolução das crises psicossociais. O indivíduo que se encontra no estatuto difusão (*identity diffusion*) poderá ter experienciado ou não um período de crise. Neste estatuto a característica fundamental será a falta de compromisso, apesar de poder demonstrar interesse por algumas tarefas ou ocupações, mas que abandona com facilidade. O indivíduo coloca-se num sentido de ambivalência de ideologias, escolhendo a que mais lhe convém no presente e, portanto, revelando uma ausência de exploração consistente que deriva das fragilidades acumuladas na má resolução das crises psicossociais. No estatuto de identidade moratória (*moratorium*), o sujeito não tem compromissos ainda estabelecidos ou, se tem, são bastante ténues. O sujeito neste estatuto difere da difusão pela atividade exploratória e de pesquisa com vista a estabelecer um compromisso. Ele tenta conjugar as expectativas sociais bem como as exigências da sociedade com as suas capacidades, procurando explorar ativamente diversas alternativas para assim tomar uma decisão. No estatuto de identidade Forclusão (*foreclosure*) o indivíduo ainda não experienciou diversas alternativas, mas já parece ter a certeza das ideologias, valores e crenças e dos compromissos que pretende adotar. Nestes sujeitos será difícil diferenciar quais serão os seus objetivos e os das figuras que modelam o seu processo identitário, por exemplo, os seus pais (Marcia, 1966, 1980).

Diversos investigadores questionaram-se acerca da sequência dos estatutos de identidade, pois os estatutos são percebidos como uma sequência ordenada e contínua, partindo do estatuto difusão até ao estatuto realização (Costa, 1991).

No entanto, não se pode esquecer que o processo de estruturação da identidade é um processo de desenvolvimento e todo o desenvolvimento inclui em si mudanças. As mudanças, por vezes, significam perdas. A perda pode ser entendida como uma seleção de construções de si de forma a incorporar novas visões de si. No entanto, o sujeito quando presente numa situação nova, esta impulsiona o desequilíbrio dessa mesma construção, o que promove uma acomodação posterior dessa mesma construção. O desconhecido nunca será uma experiência agradável, o que condiciona a que muitos indivíduos evitem tais experiências. Desta forma

será esperado que se afastem de situações ou experiências que associem a esse tipo de sentimentos. No entanto, o sofrimento ou a angústia sentida em relação à mudança torna-se necessária, pois será algo transitório. Será um agente de adaptação bem como poderá ser útil na resposta a crises e situações de stress (Marcia, 2010).

Torna-se conclusivo que a identidade é um conceito bastante subjetivo sendo que não é diretamente observável. O facto de integrarmos um sujeito num estatuto permite-nos identificar quais os aspetos identitários que o caracterizam permitindo conhecer como este observa, interpreta e age face aos outros e ao ambiente. Deste modo, torna-se bastante útil o recurso a medidas que, através das dimensões que lhes são subjacentes, indiquem se o individuo adquiriu um certo estado de desenvolvimento da identidade. Neste sentido, o modelo das forças do ego constitui um recurso útil e objetivo pois permite a operacionalização de indicadores da identidade e, conseqüentemente, do bem-estar psicológico do sujeito, da sua capacidade de ajustamento psicossocial e da sua resiliência individual. Neste âmbito, Markstrom et al (1997) verificaram que as forças do ego seriam um indicador fiável do sentido de identidade e da capacidade de adaptação do sujeito, pois encontraram bastantes correlações positivas entre as forças do ego e variáveis como objetivos de vida, controlo do locus interno, auto-estima e correlações negativas com a dimensão de desespero.

Para além das forças do ego serem um ótimo indicador do sentido identitário do individuo, elas estão presentes ao longo de toda a vida deste, sendo adquiridas através da resolução das diversas crises presentes em cada estágio. O conceito epigenético desenvolvido por Erikson bem como o conceito de forças do ego permite que a identidade seja medida ao longo de todo o percurso de vida do sujeito, o que não restringe nem categoriza os sujeitos segundo a sua idade mas sim de acordo com as virtudes do ego adquiridas. A aquisição das forças do ego através da resolução positiva das crises psicossociais constitui um bom preditor do ajustamento psicossocial do indivíduo (Markstrom et al, 1997).

O pressuposto que as forças do ego são um bom indicador do sentido de identidade foi igualmente verificado num estudo de Markstrom e Marshal (2007), onde foi encontrada associação negativa com estatutos de identidade difusão, forclusão e moratória e, ainda, que a existência de um compromisso está positivamente associado à maturidade psicossocial do individuo, o que está de acordo com a noção de Erikson (1968) de que a existência de um compromisso derivado da exploração realizada pelo próprio indivíduo é uma

espécie de telos do desenvolvimento psicossocial. Os autores verificaram ainda uma diferença entre os estatutos de identidade moratória e de realização relacionada com a falta de compromisso da identidade moratória e que é reveladora de um fraco sentido de identidade, sendo portanto teoricamente consistentes defender que o compromisso identitário por parte do indivíduo será um indicador da aquisição das forças do ego (Markstrom & Kalmanir,2001; Markstrom & Marshal, 2007).

Na teoria de Erikson (1968) e no modelo das forças do ego (Markstrom et al, 1997;Markstrom & Kalmanir,2001; Markstrom & Marshal, 2007) a resolução da quinta tarefa evolutiva, relativa à adolescência, constitui o momento crítico para a definição de um sentido forte de identidade. No entanto, Jeffrey Arnett (2007a) defende que devido às características da sociedade contemporânea, e consequentes mudanças nos papéis desempenhados pelos fatores ambientais, tem-se expandido um novo período do desenvolvimento, a adultícia emergente. O que era, apenas, uma fase transitória para a vida adulta, de pequena duração, adquiriu características próprias e uma maior longevidade, ou seja, estamos perante a emergência de um novo período do desenvolvimento. Esta hipótese problematiza a teoria de Erikson (1968) sobre o desenvolvimento psicossocial sugerindo uma revisão e adaptação aos tempos atuais, particularmente no que concerne às tarefas da adolescência e do período seguinte, a adultícia emergente, onde verdadeiramente hoje se define a identidade (Arnett, 2007a). Na altura que foi construída esta era perfeitamente adequada à sociedade a que se dirigia, no entanto atualmente as condições sociais em que os jovens vivem bem como as suas experiências alteraram por completo este conceito; são exemplo desta realidade a idade mais tardia do casamento, a idade de iniciação da atividade sexual, o acesso ao primeiro emprego, o prolongamento da escolaridade, etc. Atualmente a experimentação de papéis sociais típicos da vida adulta, embora tenha início na adolescência, é sobretudo realizada no período seguinte, após os 18 anos. Neste âmbito, Arnett (2007a) propõe cinco características que distinguem a adultícia emergente dos períodos do desenvolvimento que a precede, a adolescência, e a sucede, a adultícia: este é um período de explorações identitárias, de instabilidade em que o sujeito está focado em si e na sua autonomia, existindo um sentimento *in between*, quer isto dizer que o jovem já não se considera adolescente mas ainda não se considera adulto; simultaneamente é um período de possibilidades pautado pelo otimismo e esperança no futuro. Alguns estudos realizados por Arnett (2001,2006) revelaram que os três critérios fundamentais para se ser adulto são a assunção da responsabilidade pelas próprias ações, a tomada de decisão independente e a independência financeira. Esta transição,

realizada de forma gradual, requisita significativamente o sentido de agência do indivíduo que tem de desenvolver os recursos suficientes para assumirem os papéis identitários; uma tarefa onde o apoio dos fatores ambientais não é tão organizado e próximo como em épocas sociais anteriores (Arnett,2006, 2007a).

No entanto, tal como Schwartz, Coté e Arnett (2005) propõem, não se deve generalizar as características psicossociais dos indivíduos que se encontram neste período, pois existe uma diversidade acentuada nas suas trajetórias. De facto, enquanto alguns parecem conseguir definir claramente o seu papel na sociedade, assim como as responsabilidades e compromissos subjacentes a esse papel, outros revelam maior dificuldade em definir a sua identidade e um projeto de vida com ela consistente e, por vezes, necessitam de algum tipo de intervenção psicológica (Schwartz, Coté & Arnett, 2005).

Podemos concluir que o percurso de forças ou vulnerabilidades construído até este período pode ser determinante na capacidade de definir a identidade, afirmar um sentido de agência e adquirir os requisitos necessários para a construção de um projeto de vida e de uma noção de si próprio como adulto. Deste ponto de vista assumimos a pertinência de investigarmos como o jovem seleciona e processa a informação do ambiente social, um construto definido por Berzonsky (1989) como estilos de identidade, e a forma como as estratégias de processamento utilizadas têm repercussão na definição da identidade.

## **Capítulo 2- Estilos de processamento da Identidade**

A resolução das tarefas psicossociais evolutivas, descritas por Erikson (1968), requisita uma atividade exploratória que vai permitindo ao indivíduo a organização de sínteses do eu que induzem um sentido progressivo de identidade. Essa atividade exploratória pode, segundo Berzonski (1989; 1997; 1999), ser realizada através de diversos estilos de processamento da informação, os quais estão associados aos processos sociocognitivos de pesquisa e seleção da informação. Deste modo, os estilos de processamento utilizados pelos indivíduos estão ao serviço da construção e manutenção de um sentido de identidade.

Berzonsky (1989) tentou, portanto, analisar os processos sociocognitivos utilizados na exploração e organização da identidade e, também, identificar as diferenças individuais na utilização desses processos, sendo que essas diferenças são tidas como o aspeto fundamental para compreender como os indivíduos se distinguem na resolução dos conflitos, mantendo no entanto a coerência do sentido de si. Ele verificou a existência de três estilos de processamento: o estilo de processamento orientado para a informação, o estilo de processamento orientado para o normativo e o estilo de processamento de orientação difusa.

Os indivíduos que têm uma orientação informativa tendem a procurar ativamente a informação bem como avaliam e usam aquela que consideram como mais importante e adequada para resolverem os seus problemas. Estes indivíduos acreditam que detêm um papel ativo na construção da sua identidade, isto é, a construção de quem são, dos seus objetivos de vida e o seu autoconhecimento dependem fundamentalmente de si (Berzonsky, 2004).

Os indivíduos que seguem uma orientação normativa percebem-se como sujeitos passivos na construção da sua identidade, isto é, a sua identidade será fortemente influenciada pelas expectativas e normas da sociedade que integram. Estes indivíduos detêm uma visão bastante restrita das regras e valores da sociedade onde vivem e definem os seus objetivos e ideais segundo as normas da cultura dessa sociedade (Berzonsky, 2004).

Os indivíduos com uma orientação mais difusa são aqueles que são definidos por critérios fundamentalmente heterónomos, ou seja, definidos por outras pessoas, pelo que as suas características pessoais são socialmente atribuídas, isto é, definem-se segundo a sua reputação, popularidade e a impressão que causam nos outros. (Berzonsky, 2004).

Esta última orientação suscitou bastantes dúvidas pois as investigações revelaram-se bastante contraditórias, quer isto dizer que os estudos revelaram que os indivíduos se

percecionavam como produto do destino ou dos diversos acontecimentos, os quais não podiam controlar. Outras investigações sugeriram que estes percecionavam o mundo como caótico, com uma grande diversidade de referências o que condicionava bastante a racionalidade das suas opiniões, crenças e valores pela falta de confiança em ter certezas (Berzonsky, 2004).

O estilo informativo, apesar de exigir um esforço cognitivo significativo, pela frequência com que as estratégias sociocognitivas subjacentes são utilizadas, acaba por se tornar automático. O estilo normativo pode ser entendido como um processo mediador do processo primário de internalização inconsciente de regras ou compromissos, enquanto o estilo difuso está associado a um processamento racional mais influenciado pelas exigências dos outros e pelas consequências que elas acarretam no indivíduo (Berzonsky, 2011).

A teoria dos estilos de processamento de identidade (Berzonsky, 1989; 1997; 1999) e dos estatutos de identidade convergem em diversos pontos, pois ambos concebem a existência de diferenças na organização identitária: Marcia (1966) baseia a teoria dos estatutos de identidade na forma como os indivíduos exploram ou evitam diferentes temáticas relacionadas com o processo de construção da sua identidade; Berzonsky (1989; 1997; 1999) propõe um modelo sociocognitivo que defende que os indivíduos diferem na forma como processam e avaliam a informação tida como importante para si próprios.

Os estatutos de identidade são percecionados como as diferentes orientações que cada indivíduo toma para resolver os diferentes conflitos referentes a cada estágio de identidade, enquanto os diferentes estilos de identidade evidenciam a estratégia sociocognitiva utilizada para atingir o tão procurado sentido de identidade (Berman, Schwartz, Kurtines & Berman, 2001; Berzonsky, 1989).

Diversos estudos (eg. Berzonsky, 1989, 1990; Berzonsky & Neimeyer, 1994) empíricos anteriormente realizados confirmam a associação entre os estatutos identitários e os diferentes estilos de processamento de informação, sendo que os indivíduos variam nos processos sociocognitivos que utilizam para resolver as tarefas desenvolvimentais bem como na forma como processam a informação. Contudo, apesar de existir uma relação entre eles é necessário evidenciar que estes não são sinónimos um do outro (Berzonsky & Kuk, 2000).

Os indivíduos categorizados nos diferentes estatutos identitários tendem a divergir nos diferentes estilos de processamento utilizados no processo de tomada de decisão pois os

que se enquadram no estilo informativo e na moratória tendem a adotar um estilo mais informativo ou mais vigilante enquanto os indivíduos que se enquadram em forclusão concentram-se essencialmente em abordagens mais normativas bem como em padrões previamente estabelecidos, enquanto os indivíduos mais difusos tendem a evitar a procura de informação bem como a negá-la (Berzonsky & Kuk, 2000). Neste sentido, também é preciso ter em conta que estilos identitários não podem ser tomados como independentes dos aspetos estruturais de construção do eu do sujeito, pois a forma como o indivíduo assume um compromisso depende da forma como o indivíduo seleciona, processa e escolhe a informação bem como as estratégias que utiliza, pois estas também detêm como base o compromisso que este assumiu, sendo portanto processos interdependentes (Berzonsky & Niemeyer, 1994).

Os quatro estatutos de identidade defendidos por Marcia resultam, portanto, da forma como os indivíduos resolvem os conflitos associados ao processo de construção de identidade pelo que eles são induzidos pela forma como aqueles selecionam e processam a informação, ou seja, pelos seus estilos de processamento identitário (Berzonsky & Kuk, 2000). Desta forma, existe uma associação entre os estatutos de identidade e os estilos de processamento de identidade pois cada um destes últimos conduz a um tipo de estatutos de identidade. Poderá associar-se o estilo informativo com os estatutos de identidade realização e moratória, o estilo normativo com o estatuto Forclusão e o estilo de identidade difuso com o estatuto Difusão. Estes dados demonstram como os processos sociocognitivos de pesquisa e seleção da informação adotada para a identidade (estilos) está relacionada com o tipo de organização identitária (estatuto).

Como já foi referido existe uma estreita associação entre os paradigmas dos estatutos de identidade e dos estilos de processamento de identidade. Pode-se, portanto associar os estatutos de identidade com os estilos de processamento de identidade. Por esta ordem de ideias, os indivíduos que se encontram em realização ou moratória, isto é, os indivíduos que procuram a experiência, poderão utilizar uma orientação informativa. Estes indivíduos procuram ativamente a informação, processam e avaliam as diferentes conceções antes de tomarem uma decisão. A grande diferença reside na existência ou não de um compromisso claro e firme. Os indivíduos que se encontram em forclusão terão uma orientação normativa, pois preocupam-se bastante em seguir as regras, as normas e padrões de figuras significativas. Os indivíduos que se encontram em difusão seguirão uma orientação difusa, serão entendidos como espetadores à espera que a situação tome um rumo e possam



avaliar as consequências desta. Esta associação realizada por Berzonsky (1989) reflete a diversidade existente no processo de escolha bem como na resolução de problemas, o que remete para a existência de uma ligação estreita entre o processamento da informação e o processo de desenvolvimento da identidade (Berzonsky, 1989; Berzonsky & Niemeyer, 1994).

Adams e Dobson (1984) verificaram que os indivíduos em forclusão e em difusão revelam bastante dificuldade em analisar e integrar múltiplas informações, pois excluem informações que poderiam ser importantes devido à sua excessiva focalização. Os sujeitos que estavam integrados nos estatutos de realização e moratória conseguiam processar uma maior diversidade de informação bem como revelaram maior confiança nas suas decisões (Read, Adams & Dobson citado em Berzonsky, 1989).

Neste sentido pode-se depreender que os indivíduos utilizam três tipos diferentes de estratégias sociocognitivas para tomarem as suas decisões e escolherem os seus comportamentos. O estilo identitário é fundamentalmente a estratégia que aqueles utilizam (Berzonsky, 1989).

No entanto será de mencionar que os diferentes estilos de processamento de informação poderão sofrer alterações, pois poderão ser influenciados por fatores situacionais ou, também, pelas consequências resultantes de uma situação (Berzonsky, 1989).

Este pressuposto foi claramente evidenciado num estudo em que Berzonsky (2004) descreve as diversas formas individuais de resolução de situações quotidianas. Os indivíduos de orientação para a informação, quando confrontados com conflitos ou situações stressantes, concentram-se essencialmente nas estratégias para o conseguirem resolver. Eles procuram de uma forma mais ativa alterar a situação em que se encontram, explorando várias opções, considerando várias perspetivas, de forma a encontrarem as melhores alternativas de solução. Os indivíduos com uma orientação mais difusa procuram estratégias ou alternativas de cariz mais reativo e têm como principal objetivo minimizar a tensão emocional em vez de resolver o problema.

Numa primeira análise pode-se depreender que a teoria dos estilos de identidade de Berzonsky (1989) se baseia na abertura à experiência e à diversidade de informação. No entanto, o importante será perceber como o sujeito percebe e avalia a informação a que tem acesso, pois um sujeito que tenha uma orientação normativa não quererá dizer que não estará

pronto a experienciar. No entanto, perante situações que exijam um compromisso mais arriscado, estes indivíduos tendem a refugiar-se na sua zona de conforto, que serão as regras e padrões estandardizados (Berzonsky & Sullivan, 1992).

Numa tentativa de operacionalizar as suas investigações Berzonsky (1989) desenvolveu uma medida com o intuito de medir os diferentes tipos de estilos de processamento de identidade. Trata-se de uma escala de auto-relato que pede aos sujeitos para classificar numa escala de Likert de cinco pontos, de nada parecido comigo a muito parecido comigo, como os indivíduos tendem a resolver diversas situações que remetem para a definição da sua identidade (Berzonsky, 1989).

Num estudo realizado por Berzonsky e Sullivan (1992) utilizando a escala dos estilos de identidade, concluiu-se que existem diferenças na forma como os indivíduos tomam decisões, resolvem os seus problemas bem como no processamento de informação. Segundo Berzonsky e Niemeyer (1994) os estilos de processamento de identidade evidenciam as diferentes formas como os indivíduos resolvem as diferentes tarefas ou conflitos relativamente à construção da sua identidade. Além disso existem vários estudos realizados (Berzonsky, 1989; Berzonsky & Sullivan, 1992; Berzonsky & Niemeyer, 1994) que evidenciaram que a orientação difusa estaria diretamente relacionada com estratégias de evitamento de stresse, por exemplo, o adiamento ou o evitamento das decisões, uma introspeção limitada bem como uma base social auto-definida (Berzonsky, 1989; Berzonsky & Sullivan, 1992; Berzonsky & Niemeyer, 1994).

Os indivíduos com um estilo de orientação normativo identificam-se com um sentido coletivo, social, e tendem a aproximar-se de informações que tendem a invalidar determinadas áreas do *Self*, ou seja, informações que poderiam colocar em causa uma dimensão da identidade tão importante para si como os valores pessoais (Berzonsky & Sullivan, 1992; Berzonsky & Niemeyer, 1994). No entanto o indivíduo orientado para a informação terá tendência para investir na auto-exploração, numa tentativa de se distanciar ou individualizar em relação aos sistemas familiares bem como em concentrar-se no problema de forma a resolvê-lo. Este estilo de orientação também inclui em si um estilo cognitivo epistémico que não descuida a abertura a ideias e valores, e uma necessidade para a cognição e introspeção (Berzonsky & Sullivan, 1992; Berzonsky & Niemeyer, 1994).

Diversos estudos indicam que o estilo de identidade mais competente será o normativo, quer isto dizer que os indivíduos com este estilo terão mais sucesso em tarefas que envolvam o seu nível cognitivo e social, bem como dimensões da sua personalidade, ao contrário de todos os outros. No entanto, aos estilos de processamento de identidade não podem ser percecionados como algo de bom ou mau, tudo depende da sua utilidade funcional e das consequências que advém do estilo que o indivíduo utiliza em cada momento e/ou situação. Devido à sociedade em constante transformação assim como devido às exigências de uma maior capacidade de adaptação por parte do indivíduo pode-se depreender que o estilo informativo será o mais competente. Este estilo será o mais competente, pois através deste o indivíduo poderá conseguir encontrar estratégias para os seus desafios bem como para conseguir aproveitar as oportunidades que surgem. Esta capacidade de adaptação será conseguida através da moratória (Berzonsky, 2011).

Ao investigar a possível influência de variáveis como a cultura e o género nos estilos de processamento de identidade, Berzonski (2011) não verificou associações significativas entre estas variáveis.

Poderá presumir-se que a forma como os indivíduos enfrentam as tarefas referentes ao seu estágio de desenvolvimento será fortemente influenciada por processos sociocognitivos, pois da mesma forma que os indivíduos estabelecem os seus compromissos, tendo por base a forma como os resolvem e a sua tomada de decisão, esses também serão influenciados pelos compromissos pré-estabelecidos pelos jovens. Nesta perspetiva, a estrutura da identidade e os seus aspetos processuais serão interdependentes entre si (Berzonsky & Niemeyer, 1994).

Neste sentido, os estilos de identidade têm sido apontados como possíveis preditores do ajustamento psicossocial dos indivíduos, mais concretamente, que os estilos de processamento de identidade normativo e informativo apresentam maior associação com o ajustamento dos indivíduos. Estes diferem sobretudo na autonomia bem como nos relacionamentos interpessoais (Berzonsky & Kuk, 2000).

Como se verificou através da literatura a relação existente entre os estilos de processamento de identidade e os estatutos de identidade é bastante forte. Provavelmente os estilos de processamento também estarão relacionados com outros construtos e medidas de identidade. Assumindo este pressuposto iremos analisar a relação entre estilos de

processamento e forças ou virtudes do ego. O estudo dos estilos de processamento irá contribuir para uma melhor percepção de como o indivíduo constrói o sentido de si, isto é, permitirá perceber a forma como o sujeito analisa, interpreta e relaciona a informação do meio que o rodeia e a sua relação com o desenvolvimento da identidade, aqui avaliado pelas virtudes do ego. De acordo com o modelo e os estudos de Berzonsky (1989), uma orientação direcionada para a informação contribuirá para a construção de uma identidade mais consolidada, diferenciada, coerente e estruturada enquanto uma orientação difusa contribui para uma identidade frágil e pouco desenvolvida.

A sociedade a que o indivíduo pertence tem um papel bastante importante como fator de suporte para a construção e consolidação do sentido de identidade. Contudo, a constante mudança de valores e crenças dominantes em termos sociais, bem como a assunção de diversos papéis por parte do indivíduo, leva a que este se sinta confuso e só neste processo. Pois a base sólida que deveria ser a sociedade apenas é um ponto de orientação em constante transformação. Esta perspectiva também pode ser tida como libertadora, no entanto essa liberdade transporta consigo mais responsabilidades. A época em que o indivíduo vive permite que este escolha livremente o que quer ser, bem como pretende ser percebido, no entanto nem sempre o sujeito consegue utilizar da melhor forma as ferramentas que o mundo lhe fornece, sendo que o seu equilíbrio com o ambiente, bem como consigo mesmo, será o seu principal objetivo (Berzonsky, 2005).

Mas, se a forma como o indivíduo pesquisa, seleciona e utiliza a informação é decisiva para a organização da sua identidade, cremos que a construção de um sentido de vida pode ser igualmente importante para a definição da identidade. Particularmente, a definição e perseguição de objetivos, para si e a sua própria existência, pode acrescentar uma força motivacional para a trajetória desenvolvimental do indivíduo, para a formulação de uma atitude proativa que o há-de conduzir a uma identidade diferenciada, coesa e afirmativa.

A importância de um sentido de vida, pautado pela finalidade, pela existência de objetivos de vida que funcionam como forças motivacionais para os indivíduos, pode ser ainda maior numa sociedade tão instável, com graus elevados de incerteza como aquela em que vivemos. Como refere Arnett (2007a) a construção da identidade não beneficia, hoje, de suportes sociais tão organizados e definidos como outrora. A velocidade de mudança social, a complexidade e diversidade dos papéis que o indivíduo tem de desempenhar, a variedade de expectativas sociais, solicitam atualmente um ego forte ou virtuoso, no comando de uma

identidade coesa e organizada. Encontrar um sentido de vida apoiado na seleção de objetivos supra valorados pode aumentar o sentido de agência pessoal e constituir, por isso, um motor do desenvolvimento da identidade. Deste modo, incluímos a variável sentido de vida para além dos estilos de processamento no modelo de análise da identidade que vamos testar.

Um estudo realizado por Beaumont (2009) em que o objetivo seria relacionar as variáveis identidade e sabedoria pessoal, permitiu concluir que o compromisso presente na construção da identidade estava fortemente associado com o variável sentido de vida. Recordamos que o compromisso foi uma das principais tarefas defendidas por James Marcia na construção da identidade. Inclusive diversos teóricos estudam a identidade através da avaliação dos compromissos ocupacionais estabelecidos, verificando uma associação entre a ambos bastante evidente, o que apoia a importância dos compromisso no domínio ocupacional para o desenvolvimento identidade (Yeager & Bundick, 2009).

## **Capítulo 3 - Sentido de vida**

Um dos principais aspetos do processo de construção identitária é o estabelecimento de um compromisso ou, pelo menos, a procura desse compromisso, através da atividade de

exploração, assimilação e sintetização de valores e crenças. Mas esta atividade de construção de um sistema pessoal de crenças e valores exige a exploração de papéis sociais da vida adulta que, por sua vez, eram tradicionalmente disponibilizados pelos sistemas e instituições sociais. Porém, a sociedade atual não oferece um apoio tão claro e organizado aos jovens. Esta realidade contraria os dados verificados nas primeiras investigações acerca da identidade e, mesmo num passado não muito distante, os jovens conseguiam perspetivar o que gostariam de ser, de prosseguir, onde gostariam de viver, qual a profissão que gostariam de ter, quando pretendiam casar. Atualmente a maior parte dos jovens ainda não consegue responder a estas perguntas, muitos vão saltitando por diversos empregos ao longo da sua vida o que expressa a falta de uma linha de orientação; as suas carreiras são apelidadas de curto prazo, isto é, sem grandes perspetivas de longevidade, o que coloca em dúvida toda a tradicional conceção de carreira. Apesar da atual economia mundial oferecer uma maior diversidade de oportunidades aos jovens também trouxe uma maior pressão para a emigração para longe das comunidades em que cresceram, conduzindo a que estes adiem para mais tarde todo o projeto de construção de vida familiar (Damon, 2009).

É verdade que alguns jovens, segundo Damon (2009) aceitam estas mudanças e não se contêm na exploração de um mundo constituído por novos desafios e repleto de novas oportunidades. No entanto, existem outros que são bastante hesitantes quando se confrontam com a necessidade de assumir compromissos com papéis que definem a vida adulta tais como: constituição de família, definição de carreira profissional, definição do seu papel de cidadãos. Alguns países preocupados com esta realidade têm reconhecido a urgência da sua análise, tendo definido estes jovens como uma nova geração com diferentes valores e modos de vida bem diferentes dos seus pais. Estes jovens adultos têm um claro sentido de falta de direção ou finalidade na sua vida, que importa reconhecer embora a sociedade nem sempre o faça exceto em casos em que essa falta de sentido se torna uma ameaça social importante. O que falta na vida destes jovens acaba por ser uma séria dedicação a um objetivo que lhes confira algum sentido à sua vida ou aponte numa direção a seguir.

Deste modo, é particularmente importante investigar o sentido de vida, uma noção que tem sido bastante ignorada pelos investigadores mais empíricos devido à sua conotação filosófica e à sua subjetividade como variável de estudo. E, mais do que colocar a questão *O que é o sentido de vida?* é preciso investigar *Quais as condições e os componentes que levam*

a que o indivíduo confira algum sentido à sua vida, o que já a torna empiricamente interessante (Debats, Drost & Hansen, 1995).

Viktor Frankl (1959) foi dos primeiros investigadores a evidenciar a exploração deste conceito que tem vindo a acompanhar a evolução da humanidade bem como a evolução do homem como ser singular. Este investigador ao publicar o livro “*Man’s search for meaning: An introduction to logotherapy*” conseguiu afirmar a sua posição, quer isto dizer que os constructos tais como “o sentido” e o “objetivo” conseguem motivar os indivíduos ou podem influenciar a forma como o indivíduo vive bem com as suas escolhas. Frank (1959) acreditava que os indivíduos eram movidos para além de instintos básicos como a fome e a reprodução, assim como eram mais do que um simples produto de reações mecânicas (Frankl, 1959). O autor acreditava que os indivíduos definem objetivos bem como escolhem valores que terão como propósito objetivos maiores, tais como: criatividade, moralidade e espiritualidade (Frankl, 1959; Damon, Menon & Bronk, 2003).

Maslow através da sua teoria conseguiu de uma forma organizada e hierárquica definir possíveis fontes que poderão influenciar a definição do sentido de vida para o Homem (Maslow citado em Koltko- Rivera, 2004). Os diferentes níveis hierarquicamente organizados na sua teoria definem o sentido de vida do Homem como uma procura, sendo que depois de asseguradas as necessidades básicas (sobrevivência, segurança e afiliação) segue-se a satisfação de necessidades pessoais de auto-realização. Se analisarmos o comportamento humano ao longo do ciclo de vida podemos afirmar que os indivíduos mais jovens têm objetivos mais individuais, de ordem mais instrumental, enquanto à medida que envelhecem valorizam mais objetivos de cariz mais humanístico. (Maslow citado em Koltko- Rivera, 2004). A este propósito Rekker e Wong (1988) propuseram um modelo de quatro níveis: Auto- preocupação (preocupação com prazeres de cariz mais hedonísticos), individualismo (devoção e preocupação com objetivos que exploram o seu potencial pessoal), coletivismo (preocupação com os outros e tomada de compromisso com causas sociais ou políticas e a Auto transcendência, preocupação com valores que transcendem o individualismo e englobam sentidos cósmicos bem como o suprasumo objetivo da vida.

O sentido de vida desenvolve-se em duas direções: materialismo/humanismo e individualismo/coletivismo. Este processo desenvolve-se a partir de preocupações do indivíduo para consigo próprio, preocupações hedonísticas bem como com o conforto pessoal e evolui para a realização do seu potencial como indivíduo, assim como a dedicação a outros e



a causas maiores que poderão ser sociais ou políticas. Rokeach ainda define um último nível em que o indivíduo procura valores que transcendem o seu Self e dos outros, englobando o sentido cósmico e o grande objetivo de vida (Rokeach citado por Rekker & Woo, 2011).

No entanto, segundo a psicologia positiva (Damon, Menon & Bronk, 2003) a procura de um sentido de vida bem como de objetivos de vida são tidos como o caminho certo para conseguir atingir o *telos*, a felicidade extrema e a fluência concetual bem como a criatividade.

Creio que a grande questão que se coloca para além de quais os componentes e as condições que contribuem para a descoberta de um sentido de vida será a própria definição do sentido de vida? Segundo Frankl (1959), o sentido de vida significa estar comprometido bem como o sentimento de estar destinado a cumprir um objetivo maior, isto é, o indivíduo consegue encontrar uma razão para viver bem como sentir que a sua vida tem um significado (Frankl, 1959; Steger, Frazier, Oishi & Kaler, 2006). O grande propósito será sentir que o indivíduo fez a diferença no mundo e não restringir a existência do indivíduo apenas a questões elementares de sobrevivência (Klerk, Boshoff & Wyk, 2009).

Para Steger(2006; 2008) e seus colaboradores existe uma estreita relação entre as componentes procura do sentido de vida e a presença deste no indivíduo. O sentido de vida é algo imprescindível na vida do indivíduo pois quando este sente que a sua vida carece do mesmo, esta variável torna-se necessária e alvo da sua procura (Steger et al, 2006; Steger, Kashdan, Sullivan & Lorenz, 2008). O autor propôs um modelo que consiste na definição da variável sentido de vida e da sua busca como uma componente que pode ser conjugada com outras dimensões na definição do bem-estar individual. Como exemplo podemos evidenciar que as pessoas que possuem um forte sentido de autonomia terão mais propensão para definir um sentido de vida , ou por outro lado não existirá uma procura pelo sentido de vida pois todas as outras necessidades estão satisfeitas (Steger, Kashdan, Sullivan & Lorenz, 2008).

As noções de sentido e objetivo de vida podem, para Baumeister (1991) ser incorretamente tomadas como sinónimas, porque os objetivos de vida devem ser entendidos como parcelas de uma noção mais ampla, o sentido de vida, que inclui quatro necessidades: objetivo, valores, eficácia e auto estima. O significado de objetivo será a capacidade dos indivíduos perceberem que os papéis que desempenham no presente irão contribuir para o seu futuro. Os valores são percecionados como uma necessidade que os indivíduos têm de justificar as suas próprias ações, isto é, sentirem que as suas ações decorrem de valores

positivos e não negativos. Os valores são considerados como uma fator de motivação pois os indivíduos necessitam de sentir que a sua vida significou algo de positivo. A terceira necessidade refere-se à eficácia, que pode ser entendida como um sentimento de realização, isto é, sentir que é capaz de o fazer. O individuo tem apenas de ter um objetivo de vida, ele tem de ser capaz de o realizar de acordo com os seus valores. A última necessidade será a auto-estima, pois o ser humano tem de sentir que tem um significado positivo na vida e convencer os outros desse mesmo sentido.

O objetivo de vida pode ainda ser definido (Damon Menon & Bronk,2003), como uma intenção de conseguir algo que é tido como significativo para o Self, bem como para o mundo envolvente. Esta definição engloba dois pontos fundamentais que definem a noção de objetivo de vida; o primeiro ponto será entender o objetivo de vida como um conjunto de metas estáveis e com uma maior longevidade que as metas mais pragmáticas do nosso quotidiano, por exemplo, arranjar lugar no parque de estacionamento para não chegarmos atrasados; o segundo ponto refere que o objetivo de vida não pode ser compreendido como um sinónimo direto do sentido de vida do individuo, pois este ultimo é mais abrangente porque o sujeito e o mundo envolvente. Este reúne em si a vontade do jovem marcar a diferença no mundo, contribuir para os outros, criar algo novo ou conseguir algo sozinho. Esse objetivo pode ou não ser entendido como algo material, algo real assim como algo de cariz ideológico (Damon, Menon & Bronk, 2003). O objetivo de vida pode ainda ser compreendido como uma intenção ou função que necessita de ser preenchida bem como algo a ser atingido (Reker, Peacock & Wong, 1987).

Alguns objetivos estabelecidos podem inclusive ser impossíveis de conseguir no período de vida do individuo, por exemplo, os indivíduos que estabelecem como objetivo de vida abolir a pobreza ou que lutam pela paz mundial. No entanto, estes objetivos não devem ser entendido como metas demasiado ingénuas, pois podem ser percebidos fontes de auto-motivação. O objetivo de vida deve ser compreendido como a resposta a questões existenciais de quem sou eu e o que estou aqui a fazer (Damon, 2009).

Para além da exploração de questões como o sentido de vida e objetivo de vida, é pertinente investigarmos que tipo de objetivos a maioria dos jovens define na sua generalidade. Será que existe uma congruência entre objetivos e a definição de um sentido de vida?

No que diz respeito ao sentido de vida Wong (1998) descobriu que quando se pede aos indivíduos para descreverem uma vida ideal e com sentido, estes recorrem a uma generalidade de descrições e englobam na sua grande maioria objetivos que referem a família e experiências como a auto-transcendência. Também foi verificado por Prager (1998) e Wong (1998), que os relacionamentos interpessoais, crescimento pessoal, as necessidades básicas reunidas, a participação em atividades de lazer bem como a preservação de valores e ideais são pontos fortes que contribuem para uma vida com sentido. Damon e Mariano (2009), através de uma análise categorial, tentaram identificar o tipo de objetivos maioritariamente evidenciados pelos jovens. Os indivíduos referiram maioritariamente a família, a carreira, as concretizações académicas, a fé espiritual ou religiosa, o desporto, as artes, o serviço comunitário bem como os assuntos políticos e sociais.

Num estudo realizado em 2009, Damon categorizou os jovens em quatro grupos diferentes no que diz respeito à presença de objetivo de vida. O primeiro grupo definido foram os jovens descomprometidos (*disengaged*) que descreve os indivíduos que não reúnem em si qualquer objetivo de vida. Estes não desempenham nenhum papel ativo ou não se reconhece nenhum esforço em nenhum sentido que possa ser entendido como um futuro objetivo de vida ou a procura deste. Estes indivíduos são, por vezes, apáticos e indiferentes ou então manifestam algum interesse por atividades de cariz hedónico e que se concentrem na satisfação do seu ego, sendo que demonstram muito pouco interesse acerca do mundo que os circunda. O segundo grupo foi denominado de sonhadores (*dreamers*), e caracteriza os indivíduos que têm várias ideias ou objetivos que gostariam de concretizar, mas no entanto não realizaram qualquer esforço ativo para os conseguirem atingir. O terceiro grupo seriam os amadores (*dabblers*), que se comprometem com atividades que parecem reunir em si um potencial objetivo de vida, no entanto não os percebem como possíveis futuros objetivos de vida. Estes indivíduos frequentemente transitam de uma atividade para outra, sendo que estas atividades não reúnem em si um objetivo de vida coerente. Estes jovens revelam uma notória tentativa em se comprometerem com algum objetivo de vida, no entanto ainda não encontraram algo que lhes confira algum sentido de real compromisso. O quarto grupo foi apelidado de premeditados (*purposeful*) e descreve os indivíduos que encontraram algo com significado com o qual estabeleceram um compromisso. Este compromisso é estável bem como estes indivíduos sabem exatamente o que defendem e o querem conseguir ao atingir determinado objetivo. Estes indivíduos sabem exatamente quais os seus objetivos de vida e a

sua finalidade, planificando-os de forma organizada no intuito de conseguirem alcançar as suas ambições.

No entanto, é necessário entender que o compromisso com os objetivos de vida pode alterar-se ao longo do desenvolvimento devido a fatores maturacionais ou mesmo à experiência adquirida ao longo da vida (Damon, 2009).

Neste sentido, será inevitável constatar a estreita relação que pode ser estabelecida entre o sentido de vida, a consequente definição de objetivos de vida e a construção da identidade do indivíduo. Alguns autores investigaram esta consequente ligação mas o que mais se destacou foi Erikson (1964) ao associar os valores sociais às tarefas correspondentes a cada estágio de desenvolvimento.

O sentido de vida para os adolescentes, jovens e adultos concentra-se, essencialmente, em estabelecer uma identidade estável, sendo que para isso é necessário estabelecer relações íntimas bem como o indivíduo ser produtivo e criativo (Reker, Peacock & Wong, 1987). Num estudo realizado por estes autores foi verificada uma diferença entre os indivíduos em diferentes estágios no que diz respeito à definição de objetivos de vida. Os mais jovens desejam atingir novas metas e demonstram um desejo de procurar mais potencialidades no futuro enquanto os mais velhos tendem a avaliar o que conseguiram no passado e o que conseguirão no futuro.

Os valores estabelecidos pelos adolescentes, podem exercer um papel importante sobre a formação identidade e sobre as opções de vida (Erikson, 1964). Neste sentido, o objetivo de vida tomado como o compromisso um meio essencial para resolver a crise identitária do jovem, evita que este construa uma identidade do tipo difuso (Damon, Jenni & Bronk, 2003).

Num outro estudo realizado por Beaumont (2009) foram encontrados dados que confirmam a não existência da presença de sentido de vida no estilo de processamento de identidade orientado para a difusão, apesar de este estar correlacionado significativamente com a procura pelo sentido de vida. No entanto o estilo de processamento de identidade orientado para o normativo está positivamente correlacionado com a procura pelo sentido de vida e com a presença do sentido de vida. Também foi encontrada uma forte associação entre o compromisso identitário e a presença do sentido de vida. Estes autores concluíram que o

estilo identitário informativo prediz uma maturidade adaptativa, no que diz respeito à sabedoria, o que pode prever a presença de um forte sentido de vida bem como de felicidade.

Estes dados apoiam a necessidade de explorarmos a diferença existente entre os constructos *procura pelo sentido de vida* e *presença do sentido de vida*. Alguns modelos indicam que a procura pelo sentido de vida significa por si só a falta de sentido desta, sendo esta procura caracterizada como a força ou intensidade bem como a atividade com que um indivíduo deseja estabelecer um significado de vida ou mesmo compreender o propósito da sua vida. No entanto, existem outras perspetivas acerca da procura pelo sentido de vida pois alguns investigadores consideram que a procura pelo significado de vida deveria ser considerada algo natural no percurso de vida do indivíduo enquanto outros consideram que esta procura pode ser entendida como um sintoma de alguma perturbação, sendo que poderá significar um sinal de frustração (Steger, Kashdam, Sullivan, Lorentz, 2008; Baumeister, 1991; Klinger, 1998).

As pessoas que ainda procuram por um sentido de vida demonstraram ter piores relacionamentos e menor auto-estima, bem como demonstraram ser mais ansiosos e mais infelizes com o seu passado assim como mais inseguros em relação ao passado e ao presente. No entanto, estes indivíduos não se inibem de questionar, investigar ou experimentar, o que demonstra a ambiguidade de sentimentos que, segundo, os autores pode ser explicado pelo fato de estes se colocarem entre um passado menos positivo e um futuro ainda desconhecido, o que poderá ser um fator que contribui negativamente para o bem-estar das pessoas que ainda procuram um sentido para a sua vida (Steiger et al, 2008).

Alguns estudos, (Klerk, Boshoff & Wik, 2009), relacionaram o bem-estar psicológico com o facto de os indivíduos já terem conseguido definir um sentido de vida. Os indivíduos que já definiram um sentido para a sua vida lidam bem com a solidão, quer isto dizer que conseguem estar sozinhos e não o consideram difícil mesmo que não estejam envolvidos noutras atividades. No entanto estes indivíduos procuram encontrar tempo para realizar atividades de lazer bem como para estarem com a sua família, o que mais uma vez reforça a correlação existente entre o bem-estar e o significado de vida.

Num contexto de crise social e económica e num mundo em constante transformação, inevitáveis barreiras ao ingresso dos jovens na vida adulta, ganha pertinência analisar as relações entre a definição de objetivos de vida e a aquisição de um sentido de vida

e, também, o papel que possam desempenhar nos processos de desenvolvimento da identidade.

## **Capítulo 4 - Problema de investigação**

A revisão da literatura sobre a identidade (e.g., Erikson, 1968, Markstrom et al, 1997) permite-nos concluir que esta pode ser vista como uma narrativa que constitui o suporte da construção da representação de si ou de *self*. Esta representação, por sua vez, é um instrumento utilizado para interpretar a informação tida como importante e fundamental, permitindo desta forma proporcionar a resolução de diferentes problemas ou acontecimentos tidos como relevantes para o indivíduo (Beaumont, 2009). A pesquisa e processamento de informação, assim como a experimentação de papéis sociais, constituem a atividade exploratória do jovem que, conjuntamente com o nível de autonomia que vai conquistando na sua trajetória constituem peças centrais para a organização e definição de um sentido de identidade (Berman, Schwartz, Kurtines & Berman, 2001).

A identidade reúne na sua definição noções como a similitude, sentido de semelhança existente entre o indivíduo e o seu grupo de pertença, continuidade, coesão existente entre os acontecimentos do passado, pertença e futuro e a estrutura pois representa uma entidade organizada e relativamente estável que é o resultado de um processo de síntese das dimensões maturacionais, sociais e psicológicas. O ego é entendido como o agente ou gestor que garante a coesão da estrutura psicossocial, o sentido de continuidade que permite ao indivíduo utilizar, em cada nova situação, as experiências e aprendizagens realizadas no passado, e o sentimento de similitude que garante, independentemente da sua unicidade, a semelhança que dá ao indivíduo o sentido de pertença e ligação com o ambiente social em que vive. Em suma, apesar de difícil definição a identidade pode ser concetualizada como uma organização interdisciplinar, fortemente influenciada pela construção biológica, pela experiência pessoal e pela influência do ambiente sobre o indivíduo (Costa, 1991)

Para Erikson (1964, 1980), o grande teórico da identidade, o processo de construção da identidade pode ser analisado em quatro ângulos. O primeiro ângulo representa a visão que o indivíduo reúne acerca de si, da sua individualidade integrado na realidade em que vive; o segundo ângulo descreve a identidade como uma elaboração de uma síntese progressiva que mantém um sentido de continuidade que lhe dá consistência e, conseqüentemente, capacidade de resistir a diferentes modificações; o terceiro ângulo representa a singularidade do indivíduo, face aos outros, nas suas diversas dimensões; o último ângulo refere a identificação do sujeito com as representações sociais e os valores morais pré-estabelecidos pelo grupo social a que pertence. A resolução das oito crises, defendidas pela teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968), contribui para a construção de um ego consistente (Schwartz,



2001). Esta importância do papel do ego conduziu Markstrom e seus colaboradores (1997) a realizar um estudo que visava criar uma medida que avaliasse as diversas forças do ego resultantes das sínteses que o indivíduo vai fazendo em cada período do desenvolvimento psicossocial tal como foi descrito por Erikson (1968). Deste modo, esta medida, Psychological Inventory of Ego Strengths (PIES) pretendia analisar a presença das forças do ego relacionadas com a resolução positiva das diferentes crises psicossociais. Markstrom et al (1997) verificaram uma associação entre a presença de forças do ego e a consolidação identitária, a auto-estima, os objetivos de vida, o locus de controlo interno e os papéis de género. A presença das forças do ego pode ser entendida, portanto, como um possível preditor da definição de uma identidade mais consistente, coesa e singular pelo que o PIES mostra ser uma medida promissora na avaliação da identidade.

Apesar do desenvolvimento da identidade ser entendido como um processo contínuo este tem o seu epicentro no quinto estágio de desenvolvimento de uma sequência de oito estágios, e que é representado pelo conflito entre identidade e confusão de identidade (Costa, 1991). Para Erikson (1968), a identidade estaria definida no final da adolescência, ou seja, após a resolução da crise psicossocial do quinto estágio. Porém, considera Ferreira (2011) a sociedade atual sofreu enormes modificações nas últimas décadas particularmente marcadas pelo aumento brutal da complexidade social, pela transformação significativa dos processos de socialização e, mais recentemente, por uma crise social e económica que afeta a vida das populações e indivíduos. Estas mudanças colocam hoje dificuldades na construção identitária e produziram um adiamento na atividade exploratória dos papéis sociais da vida adulta e na organização de um sistema pessoal de crenças e valores. Deste modo, a adolescência já não é mais o período em que se define a identidade, em que se adquirem os recursos psicossociais necessários para a entrada na vida adulta.

As consequências deste fenómeno têm sido estudadas por Arnett (2007a) que descreve a importância que adquiriu o período do desenvolvimento imediatamente posterior à adolescência, anteriormente uma mera fase de transição, atualmente um novo estágio de desenvolvimento, e que designou de adultícia emergente. Este período inclui os jovens que já não se percebem como adolescentes mas que, simultaneamente, não se consideram ainda como adultos. Estas descobertas sugerem portanto uma revisão da teoria psicossocial de Erikson (1968). Nos seus estudos, Arnett (2007a) verificou que os jovens identificam três critérios para a entrada na vida adulta: a tomada de decisão independente, a auto-

responsabilização pelas suas ações, e a independência financeira. O facto de a identidade, na sociedade atual, ser definida apenas mais tarde, na adultícia emergente, faz com que os indivíduos realizem a atividade exploratória num momento em que detêm instrumentos psicossociais mais desenvolvidos que os adolescentes. Ora, isso representa hipoteticamente uma maior capacidade de exploração das oportunidades interpessoais, vocacionais, ocupacionais e ideológicas, pilares da definição da identidade. Deste modo os adultos emergentes centram-se sobre si e as suas tarefas identitárias sentindo que são detentores de maior liberdade e autonomia de decisão sobre as suas vidas e, também, que estão num momento das suas vidas em que têm menores obrigações e compromissos com os outros (Arnet, 2006).

Este ajustamento na conceção do desenvolvimento psicossocial faz interrogar até que ponto os estilos de processamento de identidade mantêm o seu papel de suporte na definição da identidade. Uma interrogação que nos deve fazer visitar o papel dos diferentes processos sociocognitivos, antes considerados (e.g., Berzonsky, 1989, Berzonsky & Kuk, 2000) na resolução da etapa desenvolvimental da identidade. Através da definição dos três estilos de processamento de identidade, orientação normativa, orientação informativa e orientação difusa, Berzonsky (1989, 1999, 2004; Berzonsky & Sullivan, 1992) diferenciou formas de pesquisa, seleção e avaliação da informação que são preditores da organização de identidades mais ou menos independentes e organizadas e que foram descritas pelo modelo dos estatutos de identidade de Marcia (1966). O estudo realizado por Berzonsky e Niemeyer (1994) permitiu verificar que os indivíduos com um estilo de orientação normativo tendem a valorizar o sentido coletivo e social, a procurar informações que vão de encontro aos seus valores morais e a afastar-se de informações que coloquem os mesmos em dúvida; embora isto não signifique que não estejam disponíveis para experienciar a diversidade, verifica-se uma atitude de evitamento perante as situações que exigem um tipo de compromisso mais arriscado, refugiando-se nas dimensões normativas como apoio fundamental das suas decisões. Os indivíduos com um estilo de orientação informativo investem na exploração de novas experiências com intuito de procurar a sua própria individualização em relação aos sistemas familiares de forma a procurar a melhor solução para uma situação considerada adversa. Este estilo está associado à predisposição para abertura a ideias e valores bem como para o desenvolvimento da cognição e do auto-conhecimento. A orientação difusa está relacionada com o evitamento e adiamento do processo de tomada de decisão e a uma

capacidade de auto-conhecimento limitada (Berzonsky & Sullivan, 1992; Berzonsky & Niemeyer, 1994).

Através da análise dos diferentes estudos é possível concluir que os estilos de processamento de identidade podem ser entendidos como possíveis preditores do ajustamento psicossocial do sujeito, sendo o estilo de identidade informativo o que contribui para o melhor ajustamento psicossocial e o estilo de orientação difuso o que contribui para o pior ajustamento psicossocial. Os indivíduos categorizados nestes estilos diferem no que diz respeito à sua autonomia e relacionamentos interpessoais, ou seja, diferem no nível de organização da sua identidade (Berzonsky & Kuk, 2000). Reanalisar o papel dos estilos de processamento como uma variável preditora da identidade ganha, assim, um significado pertinente.

Ambos os estilos de processamento de identidade têm objetivos de carreira bem definidos, apesar da grande necessidade destes últimos de apoio estrutural, estes detêm objetivos bastante rígidos (Berzonsky & Kuk, 2000).

Mas, a definição da identidade, até porque hoje é sobretudo realizada no período da adultícia emergente, deve requisitar de forma mais contundente a seleção de objetivos de vida e, ainda, a definição de um sentido de vida. Não se trata de um aspeto novo pois ele foi identificado na teoria de Erikson (1968), e em diversos estudos que analisam a relação entre a construção da identidade e a existência de um sistema de crenças e valores pessoais (e.g., Damon, Menon & Bronk, 2003) e de um projeto, finalidade ou sentido de vida (e.g., Reker, Peacock & Wong, 1987). Um estudo realizado por Beaumont (2009) permitiu verificar que o sentido de vida e o compromisso identitário estão associados e, também, que o estilo de processamento de orientação informativa está associado à existência de um forte sentido de vida e felicidade o que já não se verifica para o estilo de processamento difuso.

Como já foi referido ao longo deste estudo as noções de sentido de vida e objetivos de vida não devem ser percecionados como sinónimas pois, Baumeister (1991), refere que o objetivo de vida é uma parcela de uma realidade mais ampla que é o sentido de vida. (Prager 1998; Wong, 1998) solicitaram aos sujeitos que identificassem os objetivos que possibilitariam uma vida com sentido, tendo verificado que as dimensões mais importantes foram as que envolvem a família e as experiências de auto-transcendência. No entanto, também foram mencionados objetivos que enfatizavam os relacionamentos interpessoais, o

crescimento pessoal, as necessidades básicas reunidas, a participação em atividades de lazer e a preservação de valores e ideais. Numa linha idêntica de investigação Damon e Mariano (2009) identificaram que os objetivos mais referidos pelos jovens eram a família, a carreira, as concretizações académicas, a fé espiritual ou religiosa, o desporto, as artes, o serviço comunitário e os objetivos de cariz ideológico, político e social.

De acordo com a variabilidade cultural e individual que Arnett (2006) reconhece existir entre adultos emergentes faz-nos sentido perguntar se estas dimensões serão igualmente importantes para os jovens portugueses? E existirá uma relação forte entre objetivos de vida e sentido de vida ou, até, com a identidade?

A concetualização que defendemos ao longo desta dissertação e que procurámos evidenciar neste capítulo fica melhor organizada pela definição de dois estudos: o primeiro em que testámos a qualidade preditora dos estilos de processamento de identidade avaliados pelo ISI3 (Berzonsky, 1989) e do sentido de vida, avaliada pela primeira versão de uma medida psicométrica (ESV, Ferreira, 2012) sobre a identidade, avaliada pela medida de Markstrom et al (1997) sobre as forças do ego; e, o segundo em que analisámos as relações entre objetivos de vida, avaliados por uma primeira versão de uma escala psicométrica (EOV, Ferreira, 2012) com o sentido de vida e, também, com a identidade avaliados pelas medidas referidas acima.

Deste modo, definimos as seguintes hipóteses de investigação para o estudo 1:

1. Existe associação entre os estilos de processamento e as forças do ego sendo esperado que os estilos orientados para a informação e para a normatividade apresentem associação positiva e o estilo orientado para a difusão apresente uma associação negativa com as forças do ego.
2. Existe associação entre o sentido de vida e as forças do ego.
3. Os estilos de processamento de identidade e o sentido de vida são preditores das forças do ego

E as seguintes hipóteses de investigação para o estudo 2:

4. Os objetivos de vida são preditores do sentido de vida
5. Os objetivos de vida são preditores das forças do ego

## **Capítulo 5 - Método**

## 2.1. Amostra

Participaram no estudo 149 estudantes de um 1º ciclo de estudos de uma Universidade da Grande Lisboa, com idades compreendidas entre 18 e 30 anos ( $M= 21,17$ ;  $Dp= 2,42$ ), 24 (16,1%) do sexo masculino e 125 (83,9%) do sexo feminino, uma distribuição correspondente com a população que frequenta o curso. Relativamente à nacionalidade 94% dos participantes ( $n=140$ ) são portugueses e apenas 6% ( $n= 9$ ) são de outra nacionalidade. No que diz respeito aos anos de escolaridade completos, observa-se uma média de 13,39 ( $DP=1,89$ ), onde a escolaridade mínima completa são 12 anos e a máxima são 19 anos.

A tabela 1 mostra os resultados obtidos pela avaliação das características sócio-demográficas em cada um dos grupos.

*Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra.*

	N	%
Género		
Masculino	24	16,1
Feminino	125	83,9
Nacionalidade		
Portuguesa	140	94
Outra	9	6
	M	DP
Idade	21,17	2,42
Anos de escolaridade	13,39	1,89

## 2.2. Medidas

Para a realização do presente estudo foram utilizados cinco questionários: o questionário de dados socio-demograficos, a *Escala de Sentido de Vida (ESV, Ferreira, 2011)*, a *Escala de Objetivos de Vida (EOV, Ferreira, 2011)*, a versão traduzida por Ferreira (2011) do *Psychosocial Inventory of Ego Strengths (PIES, Markstrom et al, 1997)* e a versão traduzida por Ferreira (2009) do *Identity Stile Inventory (ISI3, Berzonsky, 1989)*.

### 2.2.3. Questionário de dados sociodemográficos

Aplicou-se um questionário em sistema *infopath* onde foi solicitado aos respondentes que fornecessem informação sobre idade, sexo, nacionalidade e anos de escolaridade completos.

#### **2.2.4. ESV- Escala de sentido de vida**

Os itens da Escala de Sentido de Vida (ESV, Ferreira, 2011) utilizada neste estudo, foram selecionados da medida Meaning of Life Questionnaire (MLQ) de Steger e Frasier (2006) que é composta por 10 itens. Após seleção os itens foram traduzidos e submetidos a retroversão para verificar a correção da tradução. A escala utilizada tem 4 itens e pretende recolher informações relativas à existência de um do sentido de vida, da sua relação com objetivos e finalidades de vida claros, e do grau de satisfação que o sentido de vida existente proporciona. Os sujeitos respondem numa escala tipo *Likert*, de 1 (absolutamente falso), 2 (a maior parte das vezes falso), 3 (um pouco falso), 4 (nem verdadeiro nem falso), 5 (um pouco verdadeiro), 6 (a maior parte das vezes verdadeiro) e 7 (absolutamente verdadeiro). O MLQ apresenta boa fidelidade e estabilidade bem como uma boa validade estrutural, sendo a análise da consistência interna boa ( $\alpha=.86$ ).

#### **2.2.5. EOJ - Escala objetivos de vida**

Os itens da Escala de Objetivos de Vida (EOJ, Ferreira, 2011) foram selecionados com apoio em algumas medidas utilizadas para avaliar a finalidade (*purpose*) como o Revised Youth Purpose Interview Protocol (Andrews, Bundick, Jones, Mariano, Bronk, & Damon, 2006), Life Regard Index (Battista & Almond, 1973), e alguns estudos sobre *purpose* e sentido de vida (e.g., Damon, 2008; Damon et al, 2003; Debats et al, 1995; Wong, 1998). Foram selecionados 15 domínios relativos a diversas dimensões da vida dos indivíduos e que podem constituir objetivos de vida importantes, tendo-se definido 2 itens para avaliar cada domínio. Os domínios são: Aceitação Social, Aparência Física, Auto-realização, Bem-estar Pessoal, Cívicos, Desenvolvimento Pessoal, Espirituais/Religiosos, Familiares, Financeiros, Hedonísticos, Lazer, Morais, Ocupacionais/Carreira, Políticos e Pró-sociais.

#### **2.2.6. PIES - Inventário Psicossocial das Forças do Ego**

Foi utilizada uma versão traduzida por Ferreira (2012) do Psychosocial Inventory of Ego Strengths de Markstrom et al (1997) que avalia a presença/ausência de forças ou virtudes do ego resultantes da qualidade de resolução das tarefas desenvolvimentais descritas originalmente por Erikson (1968). O formato original da escala tem 64 itens, existindo uma versão reduzida de 32 itens, 4 por cada uma das 8 forças do ego. A escala utiliza um formato de resposta tipo *Likert* de 5 pontos 1 (não me descreve bem) a 5 (descreve-me muito bem). A análise da consistência interna da escala ( $\alpha=.93$ ) é bastante boa.

A versão utilizada neste estudo apenas considerou as tarefas de desenvolvimento relativas à idade dos participantes pelo que suprimimos os itens relativos às tarefas da adultícia e da velhice. Deste modo a escala ficou composta por 24 itens relativos às forças de esperança, vontade, intencionalidade, competência, fidelidade e partilha. A avaliação utilizou um formato *Likert* de 7 pontos, igual ao das outras medidas utilizadas no estudo, de 1 (discordo completamente) a 7 (concordo completamente). Foram recodificadas as respostas relativas aos itens 1,2,4,6,10,12,14,16,17,18,19,21 por apresentarem orientação inversa.

### **2.2.7. ISI3 - Inventário de Estilos de Identidade**

Para avaliar os estilos de processamento ou de identidade foi utilizada a versão traduzida por Ferreira (2009) da Identity Style Inventory (ISI3) de Berzonsky (1989). A escala original é composta por um total de 40 itens e tem quatro sub-escalas: orientação informativa, orientação normativa, orientação difusiva e compromisso. A medida utiliza um formato de resposta *Likert* de 5 pontos de 1 (nada parecido comigo) a 5 (muito parecido comigo). A escala apresenta uma boa consistência interna e possuía *alphas* de *Cronbach* de .70 para a sub-escala de informação, .64 para o estilo normativo e .76 para o estilo difuso (Berzonsky, 1992)

A versão traduzida por Ferreira (2011), utilizada neste estudo, apenas incluiu 3 sub-escalas, as relativas aos estilos de processamento, orientação informativa, orientação normativa e orientação difusiva. Os participantes num formato de resposta *Likert*, de 1 (nada parecido comigo) a 7 (completamente parecido comigo). Os itens 9, 11, 14 e 20 foram recodificados por estarem invertidos.

### **2.3. Procedimento**

Os questionários foram inseridos no programa *infopath*, apoiados com uma breve explicação acerca dos objetivos da investigação e questões éticas de investigação, nomeadamente, de confidencialidade e anonimato dos dados fornecidos. Os estudos realizados inscrevem-se na metodologia quantitativa. Os dados recolhidos através do programa *infopath* foram extraídos para Excel, tendo sido exportados posteriormente para PASW 18, onde foi realizada a análise de dados.



## **Capítulo 6 – Resultados**

## **Estudo 1. Os estilos de identidade e o sentido de vida são preditores das forças do ego?**

Porque as medidas das variáveis analisadas não estão validadas para a população portuguesa procedemos à sua análise psicométrica.

### ***Escala de Estilos de Identidade (ISI3)***

#### **Sensibilidade**

Para avaliar a qualidade métrica da medida procedemos a uma análise descritiva dos resultados nos 30 itens que a constituem, com a finalidade de apreciar o grau de dispersão das respostas. Esta análise considerou um conjunto de critérios de estatística descritiva, nomeadamente, medidas de tendência central (média, mediana e moda), de dispersão (desvio-padrão) e de distribuição (assimetria e curtose). Todos os itens apresentaram sensibilidade métrica adequada.

#### **Validade Estrutural**

Foi realizada uma análise fatorial pelo método de componentes principais. As medidas de segmentação amostral e de esfericidade ( $KMO = 0,682$ ; esfericidade  $= 0,000$ ) demonstraram-se adequadas à realização da análise. Na extração inicial os indicadores estatísticos (análise da variância e método de Catell) mostraram-se favoráveis à existência de 3 fatores. Assim, foi realizada uma segunda extração a 3 fatores, com rotação varimax, cuja estrutura se mostrou adequada com o quadro teórico. Foram eliminados 8 itens (8, 17, 19, 23, 27, 28, 32 e 35) por serem considerados ambíguos ou por terem um índice de saturação insuficiente, ou seja, menor que 0,30. O primeiro fator, que explica 15,303% da variância total, é composto por 10 itens apresentados em seguida por ordem decrescente de saturação (4, 37, 25, 10, 33, 40, 6, 30, 21 e 2); 6 dos itens estão ligados ao estilo de processamento orientado para a informação e os 4 restantes estão ligados ao estilo de processamento orientado para a normatividade pelo que designámos este fator de estilo de processamento orientado para a informação/normatividade. O segundo fator, que explica 12,386% da variância total, é composto por 7 itens apresentados em seguida por ordem decrescente de saturação (31, 29, 13, 36, 24, 38 e 3); todos os 9 itens estão ligados ao estilo de processamento orientado para a difusão pelo que designámos este fator de estilo de processamento orientado para a difusão. O terceiro fator, que explica 6,252% da variância total, é composto por 5 itens apresentados em seguida por ordem decrescente de saturação (34, 16, 26, 18 e 5); 4 dos itens estão ligados ao estilo de processamento orientado para a

informação e o restante item está ligado ao estilo de processamento orientado para a normatividade pelo que designámos este fator de estilo de processamento orientado para a informação.

A análise do conteúdo dos itens pertencentes aos fatores 1 e 3, ambos inclusivos de itens orientados para a informação, mostrou que o fator 1 é de natureza mais generalista e reflete a atitude exploratória sobre diversos aspetos enquanto os itens de fator 3 são mais relativos a exploração ideológica (política e religiosa).

### Fidelidade

A análise da consistência interna, avaliada pelo método de *alpha* de *Cronbach*, revelou índices aceitáveis para todos os fatores; para o primeiro fator encontramos um  $\alpha = 0,75$  (correlações inter-itens variam entre -0,009 e 0,550 com uma média de 0,241), para o segundo fator encontramos um  $\alpha = 0,72$  (correlações inter-itens variam entre -0,027 e 0,465 com uma média de 0,273) e para o terceiro fator encontramos um  $\alpha = 0,63$  (correlações inter-itens variam entre 0,155 e 0,421 com uma média de 0,254). A escala ficou assim constituída por 22 itens distribuídos por três fatores.

Na tabela 2 apresenta-se a relação entre as dimensões da escala de estilos de identidade (Estilo de identidade informação /normativo, Estilo de identidade difuso e Estilo de identidade informação)

*Tabela 2. Relação entre as dimensões da ISI3*

	Estilo de identidade difusão	Estilo de identidade informação
Estilo de identidade informação /normativo	-0,175*	0,029
Estilo de identidade difusão		0,274**

Os resultados verificados confirmam a esperável associação negativa do estilo orientado para difusão com o estilo orientado para informação/normatividade mas apresentam uma associação positiva não esperada com o estilo orientado para a informação (exploração ideológica).

### **Escala de Sentido de Vida (ESV)**

#### Sensibilidade

A análise descritiva dos resultados dos 4 itens da escala, apoiada nos mesmos critérios utilizados para a medida anterior, permitiu verificar que todos os itens apresentaram sensibilidade métrica adequada.

#### Validade Estrutural

A análise fatorial através do método de componentes principais permitiu encontrar medidas de segmentação amostral e de esfericidade adequadas à análise estrutural (KMO = 0,746; esfericidade = 0,000). Na extração inicial os indicadores estatísticos (análise da variância e método de Catell) mostraram-se favoráveis à existência de apenas um fator, composto pelos 4 itens e que explicou 58,885% da variância total.

#### Fidelidade

A análise da consistência interna, avaliada pelo método de *alpha* de Cronbach, revelou um  $\alpha = 0,76$  (correlações inter-itens variam entre 0,378 e 0,610 com uma média de 0,449).

### ***Inventário Psicosocial das Forças do Ego (PIES)***

#### Sensibilidade

Para avaliar a qualidade métrica da medida procedemos à apreciação do grau de dispersão das respostas aos 24 itens com recurso aos mesmos critérios utilizados para as medidas anteriores. Foram eliminados 6 itens (4, 7, 9, 13, 22 e 23) que apresentaram problemas de sensibilidade métrica.

#### Validade Estrutural

Foi realizada uma análise fatorial pelo método de componentes principais. As medidas de segmentação amostral e de esfericidade (KMO = 0,847; esfericidade = 0,000) demonstraram-se adequadas à realização da análise. Na extração inicial os indicadores estatísticos (análise da variância e método de Catell) mostraram-se favoráveis à existência de apenas 1 fator, constituído por 16 itens (19, 21, 18, 16, 17, 6, 14, 10, 12, 2, 11, 15, 8, 1, 3 e 5) que explicou 33,433% do total da variância. Foram eliminados os itens 20 e 24 por não apresentarem índice de saturação suficiente (0,30).

#### Fidelidade

A análise da consistência interna permitiu encontrar um indicador de boa qualidade, um  $\alpha = 0,88$ , (correlações inter-itens variam entre 0,026 e 0,604 com uma média de 0,322).

Na tabela 3 observam-se os resultados descritivos encontrados para as medidas do estudo.

*Tabela 3. Estatísticas descritivas das medidas ESV, EO, PIES.*

	M	DP	Min	Max
Estilo Identidade informação/normatividade	5,21	0,82	2,30	7,00
Estilo identidade difusão	3,10	0,98	1,00	6,14
Estilo identidade informação	3,24	0,98	1,00	6,20
Sentido de vida	5,59	0,83	3,00	7,00
Forças do Ego	5,07	0,90	2,25	7,00

Os resultados encontrados permitem verificar que, nos estilos de identidade, os sujeitos apresentam média mais alta no Estilo Identidade informação/normatividade, único valor acima do ponto médio da escala, que nos restantes estilos de identidade. Os valores encontrados para o sentido de vida e para as forças do ego são de tendência positiva pois encontram-se acima do ponto médio da escala.

### ***Hipótese 1 - Existe associação entre os estilos de identidade e as forças do ego***

Na tabela 4 verifica-se a relação entre as dimensões da escala estilos de identidade e as forças do ego

*Tabela 4. Relação entre os estilos de identidade e as forças do ego*

	Forças do Ego
Estilo de identidade informação /normatividade	0,254*
Estilo de identidade difusão	-0,397**
Estilo de identidade informação	- 0,138

\* $p \leq 0,05$  \*\* $p \leq 0,01$

Confirmou-se a esperada associação negativa entre estilo orientado para a difusão e forças do ego e, também, a esperada associação positiva entre estilo orientado para a informação/normatividade e forças do ego. Ambas as associações são de valor moderado (Cohen, 1988).

### ***Hipótese 2 - Existe associação entre o sentido de vida e as forças do ego***

Na tabela 5 observa-se a relação entre a escala sentido de vida e as forças do ego.

**Tabela 5. Relação entre a escala sentido de vida e as forças do ego.**

	Forças do Ego
Escala Sentido de Vida	0,574*

\* $p \leq 0,05$  \*\* $p \leq 0,01$

A avaliação da associação entre sentido de vida e as forças do ego foi realizada através de correlação, coeficiente de Pearson tendo-se confirmado uma associação positiva ( $r = 0,574^{**}$ ) de valor forte (Cohen, 1988).

### ***Hipótese 3 - Os estilos de processamento de identidade e o sentido de vida são preditores das forças do ego***

Para testar esta hipótese utilizámos uma análise de regressão linear, método de *stepwise*, após a verificação dos pressupostos teóricos de aplicação (relação significativa da VD com as presumíveis VI's e ausência de multicolinearidade entre as VI's). A análise da associação entre os estilos de identidade e o sentido de vida é apresentada na tabela seguinte.

Na tabela 6 pode-se constatar a relação entre os estilos de identidade e a escala sentido de vida.

**Tabela 6. Relação entre os estilos de identidade e o sentido de vida**

	Escala de Sentido de Vida
Estilo de identidade informação /normatividade	0,263**
Estilo de identidade difusão	-0,168*
Estilo de identidade informação	-0,091

\* $p \leq 0,05$  \*\* $p \leq 0,01$

As associações encontradas, de orientação positiva com o estilo orientado para a informação/normatividade e negativa com o estilo orientado para a difusão, estão de acordo com o esperado. Os valores de associação comprovam que estilos de identidade e sentido de vida são fatores independentes.

Foram incluídas na análise as variáveis estilos de identidade informação/normatividade e estilo de identidade difusão e sentido de vida por serem as que apresentavam correlação com as forças do ego.

**Tabela 7. Variáveis predictoras das forças do ego.**

VD	VI	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Ajust	β	T
Forças do Ego	Escala sentido de vida	0,329	0,325	0,510	8,254***
	Estilo identidade difusão	0,405	0,398	- 0,282	- 4,559***

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

O modelo predictor encontrado, explicativo de 39,8% da variância total, indica as variáveis sentido de vida (32,5% de forma directa) e o estilo de identidade difusão (7,3% de forma indirecta) como variáveis predictoras das forças do ego tendo sido excluída a variável estilo de identidade informação (exploração ideológica).

### **Estudo 2 – Os objetivos de vida são preditores do sentido de vida e das forças do ego?**

A Escala de Objetivos de Vida foi construída para este mas, porque cada hipotético fator apenas era composto por dois itens não procedemos à análise da sensibilidade, validade estrutural e de consistência interna.

Na tabela 8 apresentam-se os resultados descritivos dos objetivos de vida.

*Tabela 8. Estatísticas descritivas da EO.V.*

	M	DP	Min	Max
Objetivo Auto-realização	5,413	1,043	2,00	7,00
Objetivo Família	6,087	1,142	2,00	7,00
Objetivo Ocupacional	5,940	0,951	2,50	7,00
Objetivo Pró-social	5,782	1,007	3,00	7,00
Objetivo Desenvolvimento Pessoal	6,158	0,953	1,00	7,00
Objetivo Política	3,658	1,112	1,00	7,00
Objetivo Hedonismo	5,705	1,000	1,50	7,00
Objetivo Espiritual	2,943	1,660	1,00	7,00
Objetivo Financeiro	5,158	1,158	1,00	7,00
Objetivo Aparência Física	5,151	1,142	2,00	7,00
Objetivo Lazer	5,711	0,964	3,00	7,00
Objetivo Moral	6,255	0,791	3,00	7,00
Objetivo Bem-estar Pessoal	6,584	0,789	1,00	7,00
Objetivo Cívico	4,802	1,025	2,00	7,00
Objetivo Aceitação Social	4,950	1,153	1,50	7,00

Pode-se verificar os domínios de objetivos de vida com valores mais elevados, acima de 6,00, são o Bem-estar pessoal, o Moral, o Desenvolvimento pessoal e a Família enquanto

os menos valorizados são o Espiritual e a Política, únicos domínios com valores de tendência negativa, ou seja, abaixo do ponto médio da escala.

#### **Hipótese 4 – Os objetivos de vida são preditores do sentido de vida**

Antes de avaliar a qualidade preditora dos objetivos de vida analisámos a sua associação com o sentido de vida para verificar quais os domínios de objetivos que revelavam associação. Esta análise foi realizada com recurso ao coeficiente de Spearman após verificar-se que um dos pressupostos de aplicação não estava cumprido (normalidade da distribuição).

Na tabela 9, pode-se observar a relação entre a escala de objetivos de vida e a escala de sentido de vida.

*Tabela 9. Correlação entre os objetivos de vida e escala de sentido de vida*

	Escala de sentido de vida
Objetivo Auto-realização	0,252**
Objetivo Família	0,314***
Objetivo Ocupacional	0,410***
Objetivo Pró-social	0,262**
Objetivo Desenvolvimento Pessoal	0,333***
Objetivo Política	- 0,004
Objetivo Hedonismo	0,383***
Objetivo Espiritual	-0,157
Objetivo Financeiro	0,357***
Objetivo Aparência Física	0,214**
Objetivo Lazer	0,293***
Objetivo Moral	0,343***
Objetivo Bem-estar Pessoal	0,360***
Objetivo Cívico	0,103
Objetivo Aceitação Social	0,110

\* $p \leq 0,05$  \*\* $p \leq 0,01$  \*\*\* $p \leq 0,001$

Verifica-se que a escala de sentido de vida, apenas não se relaciona significativamente com os objetivos de vida relacionados com os domínios de política, espiritual, cívica e de aceitação social. Quanto às restantes dimensões verifica-se uma relação significativa e positiva, sendo fraca com os domínios de auto-realização, pró-social, aparência física, lazer, e moderada com domínios de família, ocupacional, desenvolvimento pessoal, hedonismo, financeiro, moral e bem-estar pessoal.

Para compreender quais os objetivos de vida capazes de prever o sentido de vida, foi realizada uma análise de regressão linear, método *stepwise*, após a verificação dos pressupostos teóricos de aplicação (relação significativa da VD com as presumíveis VI's e ausência de multicolinearidade entre as VI's), tendo sido excluídos automaticamente os



objetivos dos domínios de Política, Espiritual, Cívico e Aceitação Social, por não cumprirem esses mesmos pressupostos.

*Tabela 10. Variáveis predictoras do sentido de vida.*

VD	VI	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Ajust	β	T
	Objetivo Financeiro	0,184	0,179	0,371	5,120***
Sentido de Vida	Objetivo Moral	0,258	0,248	0,213	2,739**
	Objetivo Auto-realização	0,285	0,270	0,175	2,312*

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

O modelo predictor encontrado, que explica 27% da variância, mostra que são três os domínios de objetivos de vida que apresentam qualidade predictoras do sentido de vida: Financeiro que explicou 17,9% da variância de forma directa, Moral que explicou 6,9% igualmente de forma directa e Auto-realização que explicou 1,2% também de forma directa.

#### ***Hipótese 5 – os objetivos de vida são preditores das forças do ego***

Antes de avaliar a qualidade predictoras dos objetivos de vida analisámos a sua associação com as forças do ego para verificar quais os domínios de objetivos que revelavam associação após verificarmos os pressupostos de aplicação. Esta análise foi realizada com recurso ao coeficiente de Pearson (tabela 11).

*Tabela 11. Relação entre Objetivos de Vida e Forças do Ego.*

	Forças do Ego
Objetivo Auto-realização	0,309***
Objetivo Familiar	0,301***
Objetivo ocupacional	0,343***
Objetivo pró-social	0,175*
Objetivo Desenvolvimento Pessoal	0,264**
Objetivo Ideologia política	-0,121
Objetivo Hedonismo	0,206*
Objetivo Espiritual	-0,105
Objetivo Financeiro	0,102
Objetivo Aparência Física	0,179*
Objetivo Lazer	0,387***
Objetivo Moral	0,298***
Objetivo Bem-estar Pessoal	0,229**
Objetivo Cívico	-0,071
Objetivo Aceitação Social	0,060

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

Verifica-se que as forças do ego apenas não se relacionam significativamente com os domínios de Política, e Espiritual, Financeiro, Cívico e Aceitação social. Quanto às restantes

dimensões verifica-se uma relação significativa e positiva, sendo fraca com os domínios Pró-social), Desenvolvimento Pessoal, Hedonismo), Aparência física), Moral e Bem-estar Pessoal e moderada com os domínios de Auto-realização, Família, Ocupacional e Lazer.

Com objetivo de compreender quais os objetivos de vida capazes de prever as forças do ego, foi realizada uma análise de regressão linear, método *stepwise* após a verificação dos pressupostos teóricos de aplicação (relação significativa da VD com as presumíveis VI's e ausência de multicolinearidade entre as VI's), tendo sido excluídos automaticamente os domínios de Política, Espiritual, Financeiro, Cívico e Aceitação Social, por não cumprirem esses mesmos pressupostos.

*Tabela 12. Variáveis preditoras das forças do ego.*

---

VD	VI	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Ajust	β	T
Forças do Ego	Objetivo Lazer	0,128	0,122	0,262	3,164**
	Objetivo Ocupacional	0,170	0,159	-0,227	2,740**

---

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

O modelo preditor encontrado, que explica 15,9% da variância, inclui duas variáveis: Lazer que explica 12,2% da variância de forma directa e Ocupacional que explicou 3,7% igualmente de forma indirecta.

## **Capítulo 7 - Discussão de resultados**

Nesta dissertação analisámos as relações existentes entre a identidade, os estilos de identidade e o sentido de vida (estudo 1) e as relações entre objetivos de vida e sentido de vida e identidade (estudo 2). O principal objetivo foi o de compreender como os estilos de

processamento de identidade, por um lado, e a definição de um sentido de vida e de objetivos, podem concorrer para o desenvolvimento de uma identidade positiva.

No estudo 1 começámos por analisar as medidas utilizadas tendo que revelaram os seguintes aspetos:

a) Na medida de estilos de identidade foram encontrados 3 fatores como na escala original; contudo, os fatores encontrados não replicam exatamente as sub-escalas definidas por Berzonsky (1989). Apesar de ter sido encontrado um fator relativo ao estilo orientado para a difusão, os outros fatores são distintos dos originais. Num deles aparecem associados itens de orientação para a informação e itens de orientação para a normatividade. Os sujeitos não parecem distinguir estes dois grupos de itens evidenciando uma representação ambivalente entre uma atividade exploratória mais proactiva e uma atividade exploratória mais orientada para o ambiente social. Foi também encontrado um fator quase só composto por itens orientados para a informação cujo conteúdo está principalmente relacionado com exploração ideológica relacionado com crenças políticas e espirituais/religiosas. Deste modo, os sujeitos parecem distinguir este domínio como uma dimensão particular da identidade. Os valores descritivos obtidos, nomeadamente o valor baixo da escala orientada para a difusão e os valor mais alto da escala orientada para a informação/normatividade, mostram que os jovens avaliados evidenciam uma atividade exploratória com vista à organização da sua identidade. O valor baixo da escala orientada para a informação (exploração ideológica), assim como a sua associação positiva com a sub-escala orientada para a difusão, mostram que, sendo um domínio considerado distinto pelos jovens, eles não parecem ainda ter realizado uma exploração significativa nesta área e que, segundo Damon (2009) e Erikson (1968) tem grande importância para a formação de um sistema pessoal de crenças e, conseqüentemente para o desenvolvimento da identidade. Finalmente, conforme esperados os estilos orientados para a informação e normatividade apresentam uma associação inversa com o estilo orientado para a difusão.

b) A escala de sentido de vida, conforme esperado, é constituída por um único fator que representa a existência de um sentido de vida, claro e satisfatório. Os valores descritivos mostram que os jovens consideram possuir um sentido de vida positivo e definido.

c) A escala das forças do ego, também conforme esperado, é constituída por um simples fator que representa o grau de resiliência do ego. Os valores descritivos obtidos para

as forças do ego revelam que os jovens têm uma representação consistente com uma identidade positiva com mais forças que vulnerabilidades.

Tal como tínhamos antecipado os estilos de identidade (hipótese 1) e o sentido de vida (hipótese 2) estão associados com as forças do ego. As orientações das associações correspondem igualmente ao esperado, positivas para o sentido de vida e estilos de identidade informação/normatividade e negativa para o estilo orientado para a difusão.

A inexistência de associação entre o estilo orientado para a informação (exploração ideológica) e as forças do ego mostra que esta dimensão não constitui aspeto importante para o desenvolvimento da identidade, uma evidência que reforça os comentários antes realizados sobre a fraca exploração deste domínio por parte dos jovens. Estes resultados são consistentes com os encontrados por Berzonsky (2004) e Beaumont (2009) quando afirmam que o estilo identitário orientado para a informação/normatividade pode ser considerado como um indicador de ajustamento psicossocial dos indivíduos em razão de estar relacionado com um melhor desenvolvimento da identidade, assim como este último está fortemente relacionado com a definição de um sentido de vida.

A análise da associação entre estilos de identidade e sentido de vida, positiva para a informação/normatividade e negativa para a difusão, mostrou que os esquemas de processamento socio-cognitivo dos indivíduos são importantes para a organização de um sentido de vida claro e satisfatório. Estes dados relativos ao estilo difusão apoiam a noção que o evitamento e adiamento das tomadas de decisão, dele característico, dificultam a existência de um compromisso identitário, pois os indivíduos que utilizam este estilo são tidos como espectadores que esperam que a situação se desenvolva e tome um rumo por si só. Estes sujeitos têm uma capacidade de introspeção limitada, o que por si só dificulta a avaliação do que terá significado para si e para a sua vida. Sendo o sentido de vida a capacidade de definir o que é significativo para a própria vida, uma certa capacidade de atingir a felicidade, por um lado, e de conceitualização e criatividade, por outro lado, é natural que o estilo difusão não favoreça o sentido de vida (Frankl, 1959; Berzonsky & Sullivan, 1992; Berzonsky & Niemeyer, 1994; Beaumont, 2009; Damon, Menon & Bronk, 2003; Steger, Frazier, Oishi & Kaler, 2006).

A associação positiva, forte, entre sentido de vida e forças do ego está de acordo com os resultados de vários estudos (e.g., Damon, 2009; Damon Menon & Bronk, 2003; Reker, Peacock & Wong, 1987; Steger, Kashdan, Sullivan & Lorenz, 2008) que mostram a importância que a definição de finalidades para a própria vida e o estabelecimento de um

envolvimento positivos com essa finalidade ou sentido de vida são um ponto de apoio para o desenvolvimento da identidade.

O teste da hipótese 3 mostrou que o sentido de vida e o estilo orientado para a difusão são preditores das forças do ego, sendo o primeiro a variável mais importante para a previsão de uma identidade positiva. Este dado está parcialmente de acordo com a expectativa enunciada pois não se confirmou a qualidade preditora dos estilos orientados para a informação e para a normatividade. Como foi demonstrado antes estes estilos apareceram agrupados num único fator cuja escala apresentava uma média relativamente baixa. Esse dado, revelador de uma atividade exploratória ainda insuficientemente definida, pode ter constituído impedimento para a esperada qualidade preditora. Contudo, os resultados mostram claramente que o estilo difusão é importante para a definição de um ego resiliente e, evidenciam ainda de forma mais significativa que um sentido de vida claro e satisfatório é necessário para a definição de um ego de características positivas, o que está de acordo com alguns estudos identitário (e.g., Berzonsky, 1989; Berzonsky & Niemeyer, 1994; Berzonsky & Kuk, 2000; Berzonsky, 2004; Markstrom & KAlmanir, 2001; Markstrom & Marshal 2007).

No estudo 2 analisámos a qualidade preditora dos objetivos de vida relativamente ao sentido de vida e às forças do ego.

Antes de comentarmos estes resultados importa dizer que os objetivos de vida mais valorizados pelos jovens avaliados refletem uma preocupação com o bem-estar pessoal e o desenvolvimento pessoal, com aspetos morais e com a família. Estes dados mostram-se de acordo com as noções que o bem-estar pessoal constitui um objetivo de vida importante (e.g., Klerk, Boshoff & Wik, 2009), o desenvolvimento de uma identidade moral é um aspeto importante do desenvolvimento dos jovens (e.g., Blasi, 1984; Colby e Damon, 1992), e que a família constitui um objetivo de vida importante para os adultos emergentes (e.g., Arnett, 2006, 2007; Damon e Mariano (2009).

A falta de interesse por objetivos de cariz político e espiritual caracteriza-a, em parte, alguns dados referem o menor interesse dos jovens pela exploração ideológica e pela sua valorização como aspetos relevantes da sua identidade. Este fator pode ser justificado pelo facto dos jovens atualmente serem bastante hesitantes quando se confrontam com a necessidade de assumir compromissos característicos da idade adulta, o que inclui a definição do seu papel enquanto cidadãos (Damon, 2009).

Conforme esperado a maioria dos domínios de objetivos de vida selecionados estão associados com o sentido de vida o que está de acordo com as conclusões de alguns estudos (e.g., Baumeister, 1991; Beaumont, 2009; Damon, 2009). O sentido de vida torna-se o reflexo da presença da noção de um objetivo de vida ou a atribuição de um significado à sua vida, sendo este essencial para a definição de uma identidade diferenciada coesa e positiva evitando assim que o indivíduo construa um tipo de identidade difusa (Frankl, 1959; Damon, Mennon & Bronk, 2003; Markstrom & Kalmanir, 2001; Markstrom & Marshal 2007).

Os domínios que não aparecem associados, política, espiritual, cívica e a aceitação social, com exceção do último, mostram claramente a desvalorização, talvez mesmo um desinteresse, que os jovens lhes atribuem na definição do seu projeto futuro, do sentido da sua vida; um resultado que é consistente com as preocupações explicitadas por Damon (2009) nos seus estudos sobre o *purpose*.

O modelo preditor encontrado inclui três domínios bastante distintos entre si, Financeiro, Moral e de Auto-realização. O modelo parece sugerir que, numa sociedade marcada pelas questões económicas, os jovens sobrevalorizam o aspeto financeiro como garantia de uma vida com significado mas que, simultaneamente, revelam preocupações com aspetos relacionados com uma atitude de justiça e de cumprimento das obrigações (moral) e de conhecimento do mundo e de criatividade (auto-realização). Este resultado, obtido com uma primeira versão de uma medida deve, sobretudo, suscitar o interesse por desenvolver novas investigações que permitam compreender melhor a estrutura de objetivos de vida dos jovens. De qualquer forma é seguro afirmar que a educação secundária e universitária deverá contribuir para um desenvolvimento global dos estudantes, considerar mais as suas componentes de auto-realização e de desenvolvimento moral entre outras.

Finalmente, analisou-se a possível associação entre objetivos de vida e forças do ego. Apesar de mais uma vez se ter verificado associação para a maioria dos domínios, voltámos a verificar que existem algumas exceções; neste caso trata-se dos domínios de política, espiritual, cívico, aceitação social, que também não estavam associados com sentido de vida, e ainda o domínio financeiro. Estes dados mostram, por um lado, a dificuldade dos jovens assumirem os papéis adultos na sociedade contemporânea (Baumeister, 1991; Damon, 2009; Damon, Jenni & Bronk, 2003; Markstrom & Marshal, 2001, 2007) e, por outro lado, também sugerem que, tal como para o sentido de vida, os quatro domínios acima referidos não são um aspeto importante da identidade dos jovens e não contribuem para seu ego. Isto reflete a

formação de jovens com uma certa alienação social no que toca ao exercício da cidadania tal como referiu Damon (2009). De qualquer forma, a existência de um sentido de vida está associado à formação de um ego resiliente.

O modelo preditor encontrado inclui dois domínios, Lazer e Ocupacional, ou seja, domínios distintos entre si e distintos dos encontrados para a predição do sentido de vida. Em primeiro lugar, estes resultados sugerem uma representação atual preocupada com a dupla satisfação de aspetos de lazer e de preparação para o trabalho. Esta duplicidade é positiva pois é importante para os jovens manterem uma preocupação com a satisfação no presente e uma preparação do futuro de modo a irem definindo um projeto de vida e, simultaneamente, uma identidade positiva (Arnett, 2006, 2007a; Markstrom & Kalmanir, 2001; Schwartz, Coté, & Arnett, 2005). O facto de os domínios de objetivos de vida que são preditores do sentido de vida e das forças do ego serem diferentes mostra que a relação entre estes construtos não é simples e necessita de ser aprofundada. Ainda assim, os domínios ocupacionais (carreira) e financeiros podem constituir uma supra dimensão relacionada com a dimensão do trabalho na sua dupla vertente de satisfação de uma realização profissional e financeira. O facto da dimensão moral ser importante para o sentido de vida mas não para a identidade, contrariamente ao que afirmam Beaumont (2009) e Erikson (1968) deve merecer a atenção dos educadores pois seria desejável que aquela constituísse uma parte importante da identidade tal como afirmam Blasi (1984) e Colby e Damon (1992). Se é a auto-realização que mais conta para o sentido de vida e o lazer para a identidade importa perceber porque o primeiro não constitui aspeto mais importante da formação de um ego resiliente e de uma identidade positiva.



## **Capitulo 8- Conclusão**

O objetivo principal desta dissertação foi avaliar a relação entre a identidade e os estilos de processamento sociocognitivo, ou estilos identitários e, também, o sentido de vida. Um objetivo que o conjunto de resultados obtido nos dois estudos realizados permitiu, no

essencial, confirmar. Mas, esse conjunto de resultados permite-nos retirar uma diversidade de inferências que se apresentam em seguida, começando pelo estudo 1:

1. A análise da medida de estilos de identidade mostrou a existência de três fatores, tal como na medida original, porém não equivalentes aos encontrados por Berzonsky (1989), informativo, normativo e difuso. Foi encontrado um estilo orientado para a difusão, um estilo misto que agrega orientação para a informação e para a normatividade e um estilo orientado para a informação constituído por itens que maioritariamente estão ligados à exploração de crenças ideológicas nos domínios socio-político e espiritual. A análise de resultados descritivos dos três estilos encontrados mostra que os jovens utilizam maioritariamente o estilo misto informação/normatividade e menos os estilos difusão e informação (crenças ideológicas). Um resultado que evidencia a existência de uma certa atividade exploratória que, no entanto, ainda está bastante marcada pela preocupação com as normas e expectativas sociais, bem como com uma certa dependência das tutelas educativas, expressa em itens relacionados com a preponderância dos valores recebidos pela educação na definição de objetivos e na própria identidade, nomeadamente nas escolhas vocacionais/ocupacionais.

A associação negativa entre o estilo orientado para a informação/normatividade e o estilo difusão está de acordo com o esperado pois representam orientações mais ou menos opostas no processamento identitário. Contudo, a associação positiva entre o estilo difusão e o estilo orientado para a informação (crenças ideológicas) mostra que este último representa uma exploração superficial nestes domínios mais que uma verdadeira e proactiva pesquisa e seleção de elementos identitários. Estes dados estão de acordo com a noção de retardamento no momento de definição da identidade, anteriormente feito na adolescência (Erikson, 1968), atualmente apenas realizado na adultícia emergente (Arnett, 2007b; Ferreira, 2011).

2. A análise da medida das forças do ego permitiu verificar um simples fator, com alta consistência interna e que é representativo da resiliência e independência do ego, um indicador do desenvolvimento da identidade. A média obtida para esta medida, apresenta uma tendência positiva embora não muito alta, o que significa que existe uma consciência nos jovens que ainda estão em processo de consolidação das suas tendências identitárias. A eliminação de um terço dos itens da escala recomenda uma análise pormenorizada dos itens com baixa sensibilidade e ligação ao fator encontrado para melhorar a sua qualidade psicométrica.

3. Os estilos de identidade encontrados estão associados ao desenvolvimento da identidade, operacionalizado nestes estudos pela medida de forças do ego, com exceção do estilo orientado para a informação (crenças ideológicas). As associações positivas com o estilo informação/normativo e negativa com o estilo difusão, estão de acordo com os estudos que analisam as relações entre estilos identitários e identidade (Berzonsky, 2004; Beaumont, 2009) e confirmam o tipo de contribuição que ambos dão para a definição da identidade. A falta de associação com o terceiro estilo encontrado parece confirmar que ele não corresponde a uma verdadeira exploração pelos jovens, talvez represente uma intenção de o fazer ou, até, uma intenção apenas marcada pela desejabilidade social. Este conjunto de evidências mostra, igualmente, que seria recomendável tentar melhorar a qualidade dos itens através da reformulação da linguagem dos itens que mostraram menor sensibilidade e que não apresentaram ligação com os fatores encontrados.

4. A análise da escala de sentido de vida permitiu verificar um simples fator, com boa consistência interna, e cujos resultados descritivos de tendência alta, indicam que os jovens consideram que têm um sentido de vida definido, que é claro e satisfatório. A associação positiva e alta com a medida das forças do ego, permite concluir que a existência de uma representação clara e satisfatória de que existe algo que orienta e dá significado à vida de cada indivíduo, tal como tinha proposto, está muito ligada à definição da identidade. Um dado que está de acordo com os estudos de Damon (2009), em que este reclama a necessidade de os jovens terem uma finalidade na sua vida como condição de prosseguirem uma trajetória mais afirmativa.

5. O sentido de vida apresenta associações positivas com o estilo misto informação/normatividade e negativa com o estilo difusão, ou seja, uma relação similar à encontrada entre as forças do ego e os estilos identitários. Este resultado reforça a noção da importância dos jovens ultrapassarem um estado de difusão identitária, de empreenderem uma atitude exploratória dos diversos domínios identitários e diversos papéis sociais procurando encontrar um significado para a sua vida e, simultaneamente, para o seu *self* ou identidade. Esta similaridade entre sentido de vida e identidade foi confirmada pela análise da predição das forças do ego que permitiu identificar um modelo preditor com dois componentes, um principal, o sentido de vida, e outro secundário, o estilo difusão. Isto significa que a pesquisa e definição de algo que dê sentido à vida pessoal, acompanhado pelo abandono da atitude de adiamento ou evitamento da pesquisa e seleção identitária, constituem as condições

fundamentais para o melhor desenvolvimento do ego. Um resultado que confirma parcialmente a hipótese que foi apresentada pois apenas um dos estilos de identidade foi preditor das forças do ego. O facto de não ter sido identificado estilos claros orientados para a informação e para a normatividade pode, apesar de estar positivamente associado com as forças do ego, ter prejudicado a qualidade preditora deste estilo misto que foi encontrado nos nossos jovens.

Relativamente ao estudo 2 pode-se inferir que:

6. No segundo estudo, procurámos identificar que valor os jovens atribuem aos diferentes domínios de objetivos de vida. Os domínios de Bem-estar pessoal, Moral, Desenvolvimento pessoal e Familiar foram os mais valorizados evidenciando uma preocupação que integra aspetos relacionados com a afirmação pessoal e com a família como fatores importantes na definição de uma finalidade para a sua vida. Por outro lado, os domínios Espiritual e Política, foram os menos valorizados o que confirma a tendência, já verificada na análise dos estilos identitários, que os jovens da nossa amostra não valorizam nem exploram significativamente estas dimensões. Estes dados são consistentes com os encontrados em alguns estudos (e.g., Damon, 2009) que referem o desinteresse ou falta de preocupação dos jovens com domínios fundamentais da exploração identitária e de aquisição de uma finalidade ou *purpose*.

7. Esta conclusão foi reforçada pelo facto destes domínios não apresentarem associação com o sentido de vida, tal como a participação cívica e a aceitação social. Na análise da associação entre objetivos de vida e sentido de vida ficou claro que não existem domínios específicos que sejam mais significativos pois nenhum deles apresenta correlação alta. Ainda assim destaca-se o domínio ocupacional como aquele que tem maior associação com o sentido de vida. O trabalho parece constituir uma dimensão importante para os jovens o que está de acordo com o verificado em alguns estudos que assinalam a dimensão ocupacional como importante para a finalidade ou sentido de vida dos jovens assim como na definição da sua identidade (Damon 2009; Arnett, 2006,2007a; Markstrom & Kalmanir, 2001; Schwartz, Coté, & Arnett, 2005). Os domínios de hedonismo, desenvolvimento pessoal e financeiro são os que apresentam maior associação depois do domínio ocupacional o que parece evidenciar uma orientação pragmática voltada para os aspetos materiais e de prazer imediato. Este resultado favorece a conclusão que, atualmente, os jovens parecem mais voltados para estas dimensões do que para as relacionadas com a sua contribuição social (cívico, político), com a

sua definição como indivíduos que possuem um sistema pessoal de crenças (moral, pró-social, espiritual) e que procura assumir uma perspectiva adulta de vida, a qual deve prosseguir em orientação à generatividade e ao cuidado e a ultrapassar uma centração nas necessidades e interesses do *self*. Apenas com associação mais baixa que os já referidos, embora significativa, aparecem outros domínios como moral, família, lazer, auto-realização e pró-social. Este conjunto de resultados chama a atenção para a necessidade de se continuar a estudar os indivíduos da adultícia emergente e, até, da adolescência, por forma a conhecer melhor os objetivos que orientam as suas vidas e os seus processos desenvolvimentais na sociedade contemporânea. Os resultados encontrados mostram uma geração algo centrada em dimensões imediatas e mais voltadas para a gratificação embora também exista algum sinal de preocupação com o futuro e com as condições que serão necessárias para o assegurar com eficácia. Este novo período do desenvolvimento, a adultícia emergente (Arnett, 2001; 2007a), constitui, assim, um campo fecundo de análise e que nos pode trazer um conhecimento decisivo para ajudar os jovens contemporâneos.

8. O modelo preditor encontrado para o sentido de vida é relativamente inesperado e difícil de interpretar pois foi constituído pelos domínios financeiro, moral e de auto-realização. Esta mescla de domínios voltados para a satisfação imediata e domínios mais orientados para o desenvolvimento de capacidades necessárias à vida adulta, inconsistente à primeira vista, pode revelar a ambivalência entre o que é socialmente mais valorizado, o dinheiro, e aquilo que define os indivíduos como mais eficazes, auto-realizados, mais corretos e/ou justos e morais. Uma ambivalência que pode significar um pedido de ajuda para evitar a imersão na sociedade materialista e individualista em que vivem, mais do que a expressão de um desinteresse e egoísmo e de uma recusa ao amadurecimento como verificou Arnett (2007b). A dificuldade de afirmação que existe na sociedade atual face à falta de perspectiva de futuro para os jovens, mesmo para os que estão na educação universitária como os que fizeram parte da nossa amostra, não pode ser negligenciada e deve ser analisada com mais cuidado.

9. A análise da associação entre os objetivos de vida e as forças do ego confirma, mais uma vez, o pouco significado que os domínios de preocupação social (político, cívico) e espiritual, representam na organização da sua identidade. A aceitação social, tal como já verificado com o sentido de vida, e o financeiro foram domínios que não apresentaram igualmente associação com as forças do ego. Ao contrário do esperado ter uma certa

integração social materializada em relações positivas de amizade não constitui domínio significativo para a construção da identidade nem do sentido de vida. Porém, a inexistência de associação entre as forças do ego e o domínio financeiro, contrariamente ao verificado para o sentido de vida coloca uma interrogação: Será importante para o sentido de vida e desprezável para a formação da identidade? Como se estes estão relacionados? Provavelmente a interpretação até é simples. Os jovens reconhecem este fator como não significativo para a construção da sua identidade mas olham-no como incontornável na vida atual e por isso aceitam-no como significativo para a aquisição de um sentido de vida ou finalidade.

Mais uma vez, não existem objetivos de vida que sejam particularmente mais significativos que outros na relação com a identidade. Ainda assim podemos destacar a maior associação dos domínios lazer, ocupacional, auto-realização e família. Mais uma vez os jovens revelam preocupação com o trabalho e com os requisitos para serem eficazes no futuro, auto-realização, e, ainda, com a família, natural requisito para a vida adulta. Mas, acima de todos os outros domínios, o lazer, provavelmente associado a um estilo de vida positivo e divertido, surge como elemento significativo para a construção identitária.

Uma impressão confirmada pelo modelo preditor encontrado que integrou dois componentes, o lazer, principal fator preditor da identidade e o domínio ocupacional em posição secundária. Este resultado parece mostrar uma dupla preocupação, uma mais centrada no presente e na obtenção de retorno satisfatório, uma mais orientada para o futuro, inevitável para a independência que há-de caracterizar a sua vida adulta.

10. As medidas utilizadas necessitam, naturalmente, de serem melhoradas até porque não é fácil a avaliação de constructos muito subjetivos e multidimensionais como a identidade ou, até, o sentido de vida. De qualquer modo os indicadores psicométricos encontrados deram legitimidade aos resultados encontrados.

11. A medida de objetivos de vida também necessita de ser ajustada, nomeadamente, seria favorável uma melhor exemplificação do tipo de pensamentos e comportamentos que estão ligados a cada domínio. Num futuro estudo sugere-se a utilização de uma escala que apenas proponha o domínio seguido de um conjunto de exemplos prototípicos desse domínio, ou seja, os respondentes avaliam domínios e não itens específicos.

12. O tema da adultícia emergente levante múltiplas questões e desafios ao nosso conhecimento. A definição da identidade em particular correspondência com a definição de

objetivos, finalidades que dotem o próprio indivíduo e, simultaneamente, a sua vida, de um significado específico que confira o sentimento de individualidade, pode ser uma dos mais centrais e importantes. Continuar a estudar este tema nos estudantes universitários de forma a melhorar as medidas utilizadas continua a ter suficiente pertinência. Estudá-lo em amostras constituídas por jovens que seguiram diferentes percursos de vida, por exemplo abandonaram o sistema educativo e foram trabalhar, é um caminho a explorar. Contrastar adultos emergentes mais jovens, entre os 18 e 25 anos e outros mais velhos, entre os 24 e os 30, pode melhorar o nosso conhecimento sobre este período do desenvolvimento.

Através das diferentes conclusões torna-se possível afirmar que a formação da identidade depende essencialmente do sentido de vida e consequentes objetivos que os jovens definem. No entanto, a receção da informação proveniente do meio e a forma como é selecionada e trabalhada influencia esse mesmo processo. Pode-se concluir que apesar dos estilos de processamento de identidade encontrados diferirem da teoria inicial, os mesmos encontrados refletem o processo de construção identitária da amostra utilizada. Tornou-se clara a associação existente entre os diferentes estilos de processamento de identidade com o processo de construção identitário, inclusive tornou-se possível classificar o processo de exploração como fundamental na definição do processo identitário, sendo o exemplo disso, a associação presente entre o estilo difusão e o estilo orientado para a informação. Os resultados encontrados atribuem ao sentido de vida uma importância extrema para a formação da identidade, sendo inclusive fundamental para uma trajetória positiva bem como para a predição da mesma. Foi claro que é possível prever através do sentido de vida e dos estilos de processamento de identidade a qualidade do processo de desenvolvimento da identidade. No entanto, a amostra utilizada reflete a possibilidade do surgimento de um novo estágio de desenvolvimento que antecede o período da adultez, sendo esta a adultícia emergente, o que por si só reflete a divergência de estilos de processamento de identidade encontrados bem como a capacidade preditora dos mesmos. Este fator poderá conduzir a uma reflexão sobre as conceções atuais acerca do desenvolvimento psicossocial do Homem.

Pode se considerar que o sentido de vida e o objetivo de vida são fatores independentes. As diferenças encontradas entre a seleção dos objetivos de vida e do sentido de vida, tidos como mais importantes para os jovens, conduzem à reflexão acerca dos mesmos no processo de construção identitário. O retardamento do processo de exploração tornou-se visível aquando o retraimento na escolha de papéis menos característicos da vida adulta, pois

este tornou-se um processo egocêntrico mais voltado para o domínio pessoal, familiar e hedonístico. Apesar das diferentes escolhas encontradas no que diz respeito aos domínios mais importantes para a definição de um objetivo de vida e de um sentido de vida, ficou clara a importância do lazer e das atividades ocupacionais para a definição de uma identidade positiva, refletindo uma possível intenção de integração e assunção de papéis característicos de uma vida adulta.

Torna-se imprescindível uma revisão das medidas utilizadas bem como uma adaptação das mesmas às constantes mudanças sociais e económicas que surtem efeito na população atual. É fundamental continuar a questionar a forma como se constrói a identidade, o que a influencia e as consequências que advêm desse mesmo processo.

## **8.2.Limitações**

Quanto às limitações encontradas, destaca-se o fato de as medidas nunca terem sido testadas e implementadas em Portugal até à realização deste estudo, o que dificultou a análise bem como a atribuição de uma maior solidez aos dados encontrados. O facto de a literatura encontrada acerca da temática da identidade não ser recente pode ser entendido como uma dificuldade, no sentido de comparação e análise dos dados. Assim como as variáveis sentido de vida e objetivo de vida serem tidas como algo que apenas começou a ser estudado de uma forma objetiva recentemente, o que poderá ter limitado a discussão do tema de uma forma objetiva sem a característica subjetividade associada à temática. Um último fator que poderá ter dificultado a análise dos dados será a consistência interna encontrada, pois pode ser entendida como uma limitação para a avaliação das medidas e consequentemente dos dados encontrados.

## **8.3.Sugestões**

A principal sugestão a ser feita diz respeito a futuras investigações, pois será recomendado que sejam contornadas as limitações encontradas no presente estudo. Seria interessante replicar o presente estudo mas subdividindo a variável sentido de vida em duas dimensões, procura pelo sentido de vida e sentido de vida, para que se verificasse a sua influência no processo de construção da identidade. Um outro estudo que poderia ser interessante seria a comparação dos diversos estatutos definidos pelo William Damon (2009) com os estilos de identidade definidos por Berzonsky (1990). Ao verificar os resultados obtidos com uma primeira versão das diferentes medidas deve-se, sobretudo, suscitar o interesse por compreender a inconsistência existente entre os objetivos de vida escolhidos



para a definição de um sentido de vida e os tidos como importantes para a identidade, para que permitam compreender melhor a estrutura da definição da identidade e bem como na definição do sentido de vida.

Creio que seria importante aprofundar a influência da dimensão moralidade no que diz respeito ao constructo identidade e dos diferentes estilos de processamento de identidade.

Por último, seria interessante verificar se o estudo aqui apresentado teria os mesmos resultados numa população mais heterogénea, quer isto dizer com uma faixa etária mais abrangente bem como com um estatuto de vida mais díspar.

## **Bibliografia**

- Andrews, M.C., Bundick, M.J., Jones, K.C., Mariano, J.L., & Damon, W. (2006). *Youth purpose interview, version 2006*. Unpublished instrument. Stanford Center on Adolescence, Stanford, CA.
- Arnett, J.J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife in *Journal of Adult development*, vol. 8, no2, pp- 133-143.
- Arnett, J.J. (2006). The psychology of emerging adulthood. What is known and what is remain to be known? In J.J. Arnett & J.L.Tanner.. *Emerging adults in America. Coming of age in 21<sup>st</sup> century* (pp. 303-330). Washington: APA.
- Arnet, J.J. (2007a). Emerging Adulthood, Wat Ís It and What Is It Good For?.*Child development: Society for research in Child Development, 1 (2)*, 68-73
- Arnett, J.J. (2007b). Suffering, selfish, slackers? Miths and reality about emerging adults. *Journal of Youth Adolescence, 36*, 23-39
- Battista, J. & Almond, R. (1973). The development of meaning in life. *Psychiatry, 36*, 409-427.
- Baumeister, R. F. (1991). *Meanings of life*. New York: Guilford.
- Berman, A. M., Schwartz, S. J., Kurtines, W. M. & Berman, S. L. (2001). The process of exploration in identity formation: the role of style and competence. *Journal of Adolescence, 24*, 513- 528.
- Beaumont, S. L. (2009). Identity Processing and Personal Wisdom: An information- Oriented Identity Style Predicts Self-Actualization and Self-Transcendence. *Identity: an Internacional Journal of Theory and Research*,9, pp 95-115
- Berzonsky, M.D. (1989).Identity Style: conceptualization and measurement. *Journal of Early Adolescence, 6*, pp 268-282
- Berzonsky, M.D. (1997). Identity Development, Control theory and Self- Regulation: An individual Differences Perspective. *Journal of Adolescent Research, 12*, pp 347-353.
- Berzonsky, M.D. (1999). Identity style, gender, and social-cognitive reasoning. *Journal of Adolescent Research, 8*, 289-295.

- Berzonsky, M.D. (2003). The Structure of Identity: Comentary on Jane Kroger's view of identity status transition. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 3, 231-245.
- Berzonsky, M.D. (2004). Identity processing style, self-construction, and personal epistemic assumptions: A social-cognitive perspective. *European Journal of Developmental Psychology*, 1 (4), 303-315.
- Berzonsky, M.D. (2005). Ego Identity: A personal Standpoint in a postmodern world. *Identity: An international Journal of theory and research*, 5(2), 125-136.
- Berzonsky, D.M. & Neymeyer J.G. (1994). Ego Identity Status and Identity Processing Orientation: The moderating Role of Commitment. *Journal of Research in Personality*, 28, 425- 435.
- Berzonsky, M.D. & Kuk, L.S. (2000). Identity status, identity processing and the transition to university. *Journal of Adolescent Research*, 15, 81.
- Berzonsky, M.D. & Sullivan, C. (1992). Social-cognitive aspects of identity style: Need for cognition Experiential Openness, and introspection. *Journal of Adolescent Research*, 7, 140.
- Berzonsky, M.D. (2011) A Social-cognitive perspective on identity construction. *Handbook of Identity and Research*. Miami: Springer ,2 ,pp 55-71
- Berman, A.M., Schwartz J.S., Kurtines, W.M. & Berman, S.L. (2001). The process of exploration in identity formation: the role of style and competence. *Journal of Adolescence*, 24, 513-528.
- Blasi, A. (1984). Moral identity: its role in moral functioning. In W.M. Kurtines & J.L. Gewirtz (Eds.), *Morality, Moral behavior and Moral Development* (pp. 128-140). New York: John Wiley.
- Cohen, J. (1988), *Statistical power analysis for the behavioral sciences (2ª Edição)*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Colby, A. & Damon, W. (1992). *Some do care: Contemporary lives of moral commitment*. New York: Free Press

- Costa, M.E. (1991). *Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Ciampa, C. A.(1989). Identidade.In: Lane, M. T. S. & Codo, W.(org.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. (8ª ed., Parte 2, pp.59-75). São Paulo: Editora Brasiliense
- Damon, W. (2009). *The path to purpose: helping our children find their calling in life*. New York: Free Press.
- Damon, W., Menon, J., & Bronk, C. K. (2003) The development of purpose during adolescence. *Applied Developmental Science*, 7(3), 119-128.
- Debats, D.L., Drost, J. & Hansen, P. (1995). Experiences of meaning in life: a combined qualitative and quantitative approach. *British Journal of Psychology*, 86, 359-375
- Elkind, D. (1970). Erik Erikson's eight ages of man: One man in his time plays many psychosocial parts. *New York times magazine*, 150-157.
- Erikson, E.H.(1964). *Insight and Reponsability*. New York: WW Norton.
- Erikson, E.H. (1965). *Youth: Fidelity and diversity*. The Challenge of Youth. New York: WW Norton.
- Erikson, E. H. (1968). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Erikson, E.H. (1980). *Identity and life cycle: a review*. New York: WW Norton.
- Erikson, E.H. (1985). *The Lyfe Cycle Completed*. New York: WW Norton.
- Ferreira, S.H.T, Farias, M. & Silvares, M.F.E. (2003). A construção da identidade em adolescentes: Um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8 (1),107-115.
- Ferreira, J. (2011). *À procura da identidade de Heinz. Um modelo de compreensão de motivação moral*. Lisboa: Insitituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Frankl, V.E. (1959). *Man's search for meaning: An introduction to logotherapy*. New York: Pocket Books.

- Katzko, M.W. (2003). Unity versus Multiplicity: A conceptual analysis of the term “ self” and its uses in personality theories. *Journal of Personality*, 71, 83-114.
- Klerk, J.J., Boshoff, B. A. & Wyk, V. R. (2009). Measuring meaning in life in south Africa: validation of an instrumental developed in USA. *South africa Journal of Psychology*, 39 (3), 314-325.
- Kingler, E. (1998). The search for meaning in evolutionary perspective and its clinical implications..In:Wong T.P.T.(ed.)*The Human Quest for Meaning: Theories, Research and Applications* ( 2ª ed.,parte 1, pp.23-57). New York: Taylor & Francis.
- Kroger, J. & Marcia, E.J. (org.). *The Identity Statures: Origins, Meanings and Interpretations. Handbook of Identity and Research*. Miami: Springer.
- Koltko-Rivera, M.E. (2004). The psychology of worldviews. *Review of General Psychology*, 1 (8), 3-58.
- Marcia, E.J. (2010). Life Transitions and Stress in the Context of Psychosocial Development. *Handbook of Stressful Transitions Across Lifespan*. Lexington: Springer.
- Marcia, E.J. (1966). Development and Validation of Ego-Identity Status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558
- Marcia, E.J. (1980). *Identity in Adolescence. Handbook of Adolescent Psychology*. New York: Wiley & Sons.
- Markstrom, C.A. & Kalmanir, H. M. (2001). Linkages between the psychosocial stages of identity and intimacy and the ego strengths of fidelity and love. *Identity: an International Journal of Theory and Research* , 1, 179-196.
- Markstrom, C.A. & Marshal, S.K. (2007). The psychosocial inventory of ego strengths. *Journal of Adolescence*, 30, 63-79.
- Markstrom, C.A., Sabino, M. V., Bonnie, J. T., Berman, R. C. (1997). The psychosocial inventory of ego strengths: development and validation of a new eriksonian measure. *Journal of youth and adolescence*, 26 (6), 705-729.
- Nascimento, L. E. (2003). *O sortilégio da cor*. São Paulo: Selo Negro.

- Oliveira, C.R. (1976). *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Prager, E. (1998). Observations of personal meaning sources for Israeli age cohorts. *Aging & Mental Health*, 2, 128-136.
- Reker, G.T., Peacock, J. E. & Wong, T.P.P. (1987). Meaning and Purpose in Life and Well-Being: A Life-Span Perspective. *Journal of Gerontology*, vol.42, n1, pp 44-49.
- Reker, G.T. & Wong, P.T.P. (1988). Aging as an individual process: Toward a theory of personal meaning. In J.E. Birren & V.L. Bengtson (Eds.), *Emergent theories of aging* (pp. 214–246). New York: Springer.
- Reker, G.T. & Woo, C.L.. (2011). Personal meaning Orientations and Psychosocial Adaptation in older adults. *Sage open*, 1, pp 1-10.
- Schachter, P.E. (2002). Identity Constraints: The Perceived Structural Requirements of a “Good” Identity. *Human Development*, 45, 416-433.
- Schwartz, J., S. (2001). The Evolution of Eriksonian and Neo- Eriksonian Identity Theory and Research: A review and Integration. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 1(1), 7-58.
- Schwartz, J.S., Coté E.J. & Arnett, J.J. (2005). Identity and Agency in Emerging Adulthood : Two Development Routes in the Individualization Process. *Youth & Adulthood*, 37 (2), 201-229.
- Steger, M.F., Frazier, P., Oishi, S., & Kaler, M. (2006). The meaning in Life questionnaire: accessing the presence of and searching for meaning in life. *Journal of Counseling Psychology*, 53(1), 80-93.
- Steger, F.M., Kashdan, B.T, Sullivan, A. B. & Lorentz, D. (2008). Understanding the search for meaning in life: Personality, Cognitive Style and the dynamic between seeking and experiencing meaning. *Journal of Personality*, 76 (2), 199-228.
- Terêncio, G.M. & Soares, P.H.D. (2003). A internet como ferramenta para o desenvolvimento da identidade profissional. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 139-145.
- Yeager, S.D. & Bundick, J.M. (2009). The Role of Purposeful Work Goals in Promoting Meaning in Life and in Schoolwork During Adolescence. *Journal of Adolescent research OnlineFirst*, Vol. 20, nº10, pp 1-30.

Wong, P.T.P. (1998). Implicit theories of meaningful life and the development of the personal meaning profile. In: Wong, P.T.P. & Fry, P.S. (Eds.) *The human quest for meaning: A handbook of psychological research and clinical applications*, (pp.111 – 140). Mahwah, N: Lawrence Erlbaum.

# **Anexos**



## **Anexo 1**

### **Consentimento informado**

Caro(a) Participante,

Pedimos a tua colaboração para responderes aos questionários a seguir apresentados. Estes questionários pretendem estudar o que os jovens pensam sobre os objetivos que desejam alcançar na sua vida.

As tuas respostas são apenas destinadas a fins de investigação pelo que não serão objecto de nenhum tipo de tratamento individual. Toda a informação apresentada nos questionários será tratada com respeito absoluto pela confidencialidade subjacente à ética da investigação; portanto, não deves, em nenhum espaço destas folhas, mencionar o teu nome ficando, assim, garantido o anonimato das respostas.

Em seguida vamos apresentar diversos questionários e haverá uma pequena explicação para cada um deles para que não tenhas dúvidas sobre o que é pretendido.

A tua participação nesta investigação é completamente voluntária.

Agradecemos a tua gentil colaboração.

## Anexo 2

### Dados Demográficos

Sexo:

Masculino  Feminino

Idade:

Anos de escolaridade:

Nacionalidade:

## Anexo 3

### Escala Sentido de Vida

Dedique um momento para pensar sobre o que torna a sua vida importante. Lembre-se que as afirmações seguintes são subjetivas pelo que não existem respostas certas ou erradas. O que interessa é a sua perspetiva. Selecione a resposta que melhor identifica a sua vida de acordo com a seguinte escala: (1) absolutamente falso; (2) a maior parte das vezes falso; (3) um pouco falso; (4) nem verdadeiro nem falso; (5) um pouco verdadeiro; (6) a maior parte das vezes verdadeiro; (7) absolutamente verdadeiro.

1. Tenho uma boa consciência do que dá sentido à minha vida.

1  2  3  4  5  6  7

2. Descobri um sentido de vida satisfatório.

1  2  3  4  5  6  7

3. O sentido da minha vida está relacionado com objetivos que desejo alcançar.

1  2  3  4  5  6  7

4 Quando olho para a minha vida vejo uma finalidade clara.

1  2  3  4  5  6  7

## Anexo 4

### Inventário Psicossocial das Forças do Ego

PIES (Markstrom, Sabino, Turner & Berman, 1997) adaptação de Ferreira, 2011.

Avalia até que ponto cada afirmação te descreve como pessoa e assinala o teu grau de concordância numa escala que varia entre (1) discordo completamente e (7) concordo completamente.

1. Mesmo quando necessito muito de terminar uma tarefa, acho que me posso facilmente distrair.

1  2  3  4  5  6  7

2 Não sei verdadeiramente se tenho qualidades e capacidades para oferecer à sociedade.

1  2  3  4  5  6  7

3 Estou envolvido em diversas atividades que me permitem utilizar as minhas aptidões e competências.

1  2  3  4  5  6  7

4. Penso que nunca amei ninguém a não ser as pessoas da minha família.

1  2  3  4  5  6  7

5 Quando algo não corre como desejo, recordo as coisas boas da minha vida

1  2  3  4  5  6  7

6 Não sei verdadeiramente o que pretendo da vida

1  2  3  4  5  6  7

7 Quando me comprometo com algo não abandono o meu compromisso

1  2  3  4  5  6  7

8 Eu tenho controlo sobre o meu futuro de várias maneiras.

1  2  3  4  5  6  7

9 Não finjo ser algo que não sou.

1  2  3  4  5  6  7

10 Sinto que não tenho controlo sobre a minha vida.

1  2  3  4  5  6  7

11 Quando penso no futuro, vejo uma orientação clara da minha vida.

1  2  3  4  5  6  7

12 Mesmo quando tenho oportunidade de fazer coisas em que posso ser bom, tenho dificuldade em iniciá-las.

1  2  3  4  5  6  7

13 Tenho qualidades que me permitem ser eficaz em certas situações.

1  2  3  4  5  6  7

14 Quando estou envolvido numa relação íntima com alguém, tendo a desvalorizar os meus interesses e os meus objetivos.

1  2  3  4  5  6  7

15 Mesmo que tudo esteja muito complicado, acredito sempre que vai melhorar.

1  2  3  4  5  6  7

16 O medo impede-me de lutar por muitos dos meus objetivos.

1  2  3  4  5  6  7

17 Não tenho a certeza daquilo em que acredito.

1  2  3  4  5  6  7

18 Quando me sinto completamente em baixo, tenho muita dificuldade em acreditar que as coisas vão melhorar.

1  2  3  4  5  6  7

19 Tenho dificuldade em assumir um certo objectivo ou papel na vida.

1  2  3  4  5  6  7

20 Quando gosto de alguém como amigo(a) ou parceiro(a), sinto que ambos estamos comprometidos.

1  2  3  4  5  6  7

21 Quando algo não funciona como eu esperava, tenho vontade de desistir de tudo.

1  2  3  4  5  6  7

22 Os meus amigos e, eu próprio, acreditamos que é possível manter a amizade apesar de discordarmos em várias coisas.

1  2  3  4  5  6  7

23 Mesmo que por vezes tenha medo de falhar, quando quero fazer uma coisa, tento fazê-la.

1  2  3  4  5  6  7

24 Quando sou tentado a fazer alguma coisa que não serve os meus interesses, geralmente consigo resistir.

1  2  3  4  5  6  7

## Anexo 5

### Escala de Objectivos de Vida

Pensa sobre o que é importante para a tua vida, quais os objetivos que lhe dão sentido, e manifesta o teu grau de acordo em cada afirmação optando por uma das sete possibilidades de resposta: (1) discordo fortemente; (2) discordo; (3) discordo ligeiramente; (4) nem discordo nem concordo; (5) concordo ligeiramente; (6) concordo; (7) concordo fortemente. Em cada afirmação opta apenas por uma das respostas e não deixes nenhuma afirmação por responder. No fim, refere os 3 objetivos mais importantes para a tua vida pela sua ordem de importância (1º, 2º, 3º), escrevendo o número do item.

1 Criar algo de novo :

1  2  3  4  5  6  7

2 Ter boas relações com os meus familiares:

1  2  3  4  5  6  7

3 Ter um alto estatuto profissional:

1  2  3  4  5  6  7

4 Ajudar as outras pessoas:

1  2  3  4  5  6  7

5 Melhorar o meu conhecimento sobre as coisas em geral:

1  2  3  4  5  6  7

6 Mudar a maneira como as pessoas pensam:

1  2  3  4  5  6  7

7 Ter o máximo de prazer possível:

1  2  3  4  5  6  7

8 Servir Deus ou outra entidade superior:

1  2  3  4  5  6  7

9 Ganhar dinheiro:

1  2  3  4  5  6  7

10 Ser atrativo para as outras pessoas:

1  2  3  4  5  6  7

11 Ter hobbies:

1  2  3  4  5  6  7

12 Cumprir os meus deveres:

1  2  3  4  5  6  7

13 Ser feliz:

1  2  3  4  5  6  7

14 Tornar o mundo num lugar melhor:

1  2  3  4  5  6  7

15 Fazer que as outras pessoas gostem de mim:

1  2  3  4  5  6  7

16 Ter um alto padrão de vida a nível material:

1  2  3  4  5  6  7

17 Participar em atividades políticas:

1  2  3  4  5  6  7

18 Servir o meu país:

1  2  3  4  5  6  7

19 Descobrir coisas novas sobre o mundo:

1  2  3  4  5  6  7

20 Ter um estilo de vida excitante:

1  2  3  4  5  6  7

21 Ser pai/mãe:

1  2  3  4  5  6  7

22 Ser justo(a):

1  2  3  4  5  6  7

23 Participar em atividades de voluntariado:

1  2  3  4  5  6  7

24 Estar satisfeito com a vida que tenho:

1  2  3  4  5  6  7

25 Dedicar atenção à minha vida espiritual e/ou religiosa:

1  2  3  4  5  6  7

26 Ter uma carreira que me dê satisfação profissional:

1  2  3  4  5  6  7

27 Desenvolver as minhas capacidades:

1  2  3  4  5  6  7

28 Ter muitos amigos:

1  2  3  4  5  6  7

29 Ter boa aparência física:

1  2  3  4  5  6  7

30 Participar em atividades de lazer:

1  2  3  4  5  6  7

Os mais Importantes:

1°

2°

3°



## Anexo 6

### Inventário de Estilos de Identidade

ISI3 (Berzonsky, 1992) adaptação de Ferreira (2010)

Em seguida vai encontrar afirmações que referem crenças, atitudes e/ou formas de resolver problemas. Leia com atenção cada afirmação e assinale a resposta que melhor identifica a forma como habitualmente pensa e/ou age. Marque com um círculo de acordo com a seguinte escala: 1 (nada parecido comigo) a 7 (completamente parecido comigo) as seguintes afirmações.

1 Tenho passado muito tempo a pensar seriamente sobre o que irei fazer com a minha vida:

1  2  3  4  5  6  7

2 Relativamente à minha opção académica penso que as coisas vão resolver-se por elas próprias pois não tenho certeza sobre o que estou a fazer:

1  2  3  4  5  6  7

3 Tenho-me normalmente guiado pelos valores com que fui educado:

1  2  3  4  5  6  7

4 Tenho passado bastante tempo a ler e a conversar com outras pessoas sobre ideias religiosas:

1  2  3  4  5  6  7

5 Quando discuto um assunto com alguém tento perceber a sua perspectiva e assumir o seu ponto de vista:

1  2  3  4  5  6  7

6 Quando discuto um assunto com alguém tento assumir o seu ponto de vista e perceber o problema dessa perspectiva:

1  2  3  4  5  6  7

7 Sei o que pretendo para o meu futuro:

1  2  3  4  5  6  7

8 Não vale a pena ter valores antecipadamente definidos pois eu decido de acordo com as circunstâncias:

1  2  3  4  5  6  7

9 Não tenho certeza do que verdadeiramente acredito sobre religião:

1  2  3  4  5  6  7

10 Sempre tive um objectivo na vida pois fui educado para saber pelo que devo lutar:

1  2  3  4  5  6  7

11 Não tenho bem a certeza sobre os valores que tenho:

1  2  3  4  5  6  7

12 Tenho pontos de vista coerentes e uma visão clara sobre como o governo e o país devem ser dirigidos:

1  2  3  4  5  6  7

13 Na maioria das vezes não me preocupo muito com os problemas pois eles resolvem-se por si próprios:

1  2  3  4  5  6  7

14 Não tenho a certeza do que pretendo para o meu futuro:

1  2  3  4  5  6  7

15 O curso que escolhi é o mais adequado para mim pelo que fiz a opção certa:

1  2  3  4  5  6  7

16 Passei muito tempo a ler e a procurar entender as questões políticas:

1  2  3  4  5  6  7

17 Não estou muito preocupado com o meu futuro pois ele ainda está muito distante:

1  2  3  4  5  6  7

18 Passei muito tempo a conversar com muitas pessoas para construir um conjunto de valores que me faça sentido:

1  2  3  4  5  6  7

19 Sempre soube no que acredito e não acredito sobre questões religiosas, nunca tive grandes dúvidas:

1  2  3  4  5  6  7

20 Não estou seguro sobre a área académica em que me devo especializar:

1  2  3  4  5  6  7

21 No ensino secundário já tinha noção que iria para o ensino superior e qual a área académica que iria escolher:

1  2  3  4  5  6  7

22 Tenho um conjunto de valores definidos que uso para tomar decisões pessoais:

1  2  3  4  5  6  7

23 Penso que é melhor ter um conjunto firme de crenças do que ser recetivo a novas ideias:

1  2  3  4  5  6  7

24 Quando tenho que tomar uma decisão, tento esperar o mais possível para ver o que vai acontecer:

1  2  3  4  5  6  7

25 Quando tenho um problema pessoal tento analisar a situação para o compreender:

1  2  3  4  5  6  7

26 Acho que é melhor procurar o conselho de especialistas (médicos, advogados, etc) quando tenho problemas:

1  2  3  4  5  6  7

27 A vida não deve ser levada demasiado a sério, tento apenas desfrutá-la:

1  2  3  4  5  6  7

28 Acho que é melhor ter um padrão claro de valores do que considerar sistemas alternativos:

1  2  3  4  5  6  7

29 Tento não pensar ou lidar com os problemas enquanto for possível adiá-los:

1  2  3  4  5  6  7

30 Muitas vezes os problemas pessoais acabam por ser desafios interessantes:

1  2  3  4  5  6  7

31 Tento evitar as situações pessoais que exigem uma reflexão profunda e resolução por conta própria:

1  2  3  4  5  6  7

32 Quando aprendo a maneira correcta de resolver um problema prefiro mantê-la em situações futuras:

1  2  3  4  5  6  7

33 Quando tenho de tomar uma decisão gosto de ficar muito tempo a ponderar as minhas opções:

1  2  3  4  5  6  7

34 Prefiro lidar com situações em que me possa apoiar nas normas ou padrões sociais:

1  2  3  4  5  6  7

35 Gosto da responsabilidade de ter de lidar com os problemas que requerem reflexão ou resolução por conta própria:

1  2  3  4  5  6  7

36 Por vezes não acredito que um problema possa acontecer porque acho que as coisas se vão resolver por si próprias :

1  2  3  4  5  6  7

37 Quando tenho de tomar decisões importantes gosto de ter o máximo de informação possível:

1  2  3  4  5  6  7

38 Quando sei que uma situação me vai causar ansiedade, tento evitá-la:

1  2  3  4  5  6  7

39 Uma vida completa requer às pessoas envolvimento emocional e compromisso com valores e ideais específicos:

1  2  3  4  5  6  7

40 Quando tenho um problema penso que o melhor é apoiar-me nos conselhos da família ou dos amigos próximo:

1  2  3  4  5  6  7